



TÁ TODO
MUNDO
RINDO?

DESIREE
HELISSA
CASALE

ILUSTRAÇÃO
PALOMA
BARBOSA

COMÉDIA
SENTADA



EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casale, Desiree Helissa

Tá todo mundo rindo? / Desiree Helissa Casale ;
ilustração Paloma. -- São Paulo : Editora
Questione, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-996522-7-1

1. Pessoas com deficiência - Direitos - Brasil
2. Pessoas com deficiência - Inclusão social
3. Relatos pessoais I. Paloma. II. Título.

23-147502

CDD-362.4045

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas com deficiência : Inclusão : Bem-estar
social 362.4045

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Ficha Técnica

Produtor Executivo e Coordenador Editorial

Mario Matos Graça Junior (Junin)

Autora

Desiree Helissa Casale

Capa e Ilustrações

Paloma "Partes" Santos

Projeto Gráfico / Diagramação

Mônica Gonzaga Machado

Revisora

Isabella Marchetto Gualberto

Colaborações

Amanda Soares / Braz Fernandes / Daniel Morbi / Karina Sbruzzi

Manoella Back / Marião Pirata / Neto Salvador / Tatá Mendonça



Apoio:

Realização:

ÍNDICE



Agrade-
cimentos
pg. 8



Prefácio
pg. 10



Eu rio,
você ri...
Mas tá
todo
mundo tá
rindo?
pg. 16



A comédia
habita o
palco, mas
o palco está
pronto para
todes?

pg. 22



A quem
tem per-
tencido o
riso e o
palco?

pg. 40



Como
não ig-
norar as
ausên-
cias?

pg. 58



Posfácio

pg. 82

AGRADECIMENTOS



Oxalá! Que esse livro saiu!

Primeiramente, Agô, para deixar registrado um agradecimento pleno ao Axé de Maria Navalha, Sara, Catarina e Jurema. Laroyê, pelas palavras que aqui vão circular; Ogunhê! pelos caminhos que elas vão tomar. Ore yèyé ô! Por todes que podem se sentir acolhidos pelos estudos e ideias aqui partilhados.

Agradecimentos para minha Ori e a toda ancestralidade Def. de mulheres que abriram caminhos para mudanças que hoje propicia espaços de vozes ampliadas como essa escrita, esse projeto.

A toda rede que Júnior, Editora Questione e o Espaço Cultural Cita tem costurado para o acesso à cultura, arte, lazer e educação; A Marião Pirata, semente dessa idéia toda e todo elenco do Comédia Sentada. Ao aliado Fábio Lins, por fazer junto e abrir/ceder espaço.

Ao que me nutre de afeto: Agradeço a rede de apoio que me circula de família de sangue e também a de terreiro – vocês sabem quem são e o quanto ocupam em meu coração. - Especialmente: Kathy, Cleusa e família e Nina.

Um axé especial para meus pais, Sr Toninho e Dona Jus, que me ensinam apoiam imenso a vida toda, em presença, em abraço e que permitem-se aprender e trocar junto cada dia mais; -Brabos demais!

Aus ativistas amigues que me ensinam, acolhem e movimentam brechas na estrutura capacitista pela acessibilidade – quem puxa

junto na prática e na ação: Andressa Samanta, Camila Hion; Débora Rosa; Estéfani Ribeiro, Edu Mafalda, Glauce Teixeira, Gil Porto Pyrata, Mayra Oi, Monica Nogueira, Manoella Back, Nayara Rodrigues, Paloma Barbosa, Rochelle Beatriz Sá, Rafa dekolonial, Taís Bushatsky, Tânia Granussi, Taíze Sá, Vanessa Joda, Vanessa Fischer.

Ao Coletivo Feminista Helen Keller e Yoga Para todes Brasil espaços de luta coletiva de aprendizados e acolhida; A Casa de Cultura do parque, Claudio Cretti e Natalia Kondo e toda a equipe da Casa. Em especial : Estefani, Dariane Ferreira, Lucas Boto, Mayra Oi, Amarílio Junior e a de Primeiro Atendimento Kayu, Will, Gabriel, Jailson e Alex. À Amanda Soares que escreve a 4ª capa desse livro; nomeio, pois sem a força coletiva e afeto a sobrevivência não seria possível. O coletivo e a noção de interdependência só fortalecem! Generalização e homogeneização não.

Aos trabalhadores da cultura e da educação em luta. Aos profissionais do Riso, em especial ao elenco envolvido nesse trabalho. Obrigada a todes que se dispuseram a ler e movimentar idéias e ações.

Começo e termino com Ele: Laroyê Exu! Pelas gargalhadas que habitarão esse projeto Comédia Sentada como um todo. Que elas habitem nossas vidas e seja a resposta a uma estrutura que não nos quer vives.

As sementinhas: Bibo, Gabrielzinho e Maré.



PRE FÁCIO



Onde estão os/as/es artistas com deficiência?

Entendendo que a palavra é uma de nossas formas de comunicação. Segundo o pedagogo e escritor Roberto Parmeggiani, em seu livro “Desabilidade”, a nossa desabilidade com as palavras pode manter sistemas que geram preconceitos. Assim, se somos desábeis com elas, acabamos sendo desábeis uns com os outros, por isso um exercício de autopercepção e percepção do outro é importante:

O que você é capaz de compreender com facilidade por conta da sua identidade e experiência de vida? O que você NÃO é capaz de compreender com facilidade por conta da sua identidade e experiência de vida?

É possível que surjam as mais variadas respostas para essas perguntas, afinal, de fato aprendemos uns com os outros, porém há vivências que historicamente seguem como segregadas e excluídas do convívio social. E você? Tem notado essas ausências? A ausência de diversidade? E, especificamente, você nota a ausência de pessoas com deficiência? Com quantas pessoas com deficiência você estuda? Trabalha? Sai pra beber? Se relaciona afetivamente?

Se relaciona sexualmente? Sem causar espanto, essas ausências promovem um recuo quando pensamos em inclusão social e empatia, assim a desabilidade uns com os outros aumenta.

A ausência de Pessoas com Deficiência em espaços de destaque, com protagonismo e autonomia, segue normalizada. Isso porque temos um histórico capacitista, e o capacitismo¹ é estrutural. Em um breve histórico da história das Pessoas com Deficiência, vemos sua resistência para serem consideradas PESSOAS.

Passando por diferentes momentos desde a exclusão onde Pessoas com Deficiência eram mortas assim que nasciam, ou segregadas, e algumas com deficiências específicas vistas como divinas. No período caritativo, vimos que a segregação continua; a exclusão passa a acontecer por meio de uma negligência, deixando PcDs ao acaso, à vontade de Deus. Alguns eram socorridos e recebiam esmolas, outros eram vítimas de higienização social. A pintura “Navio de Tolos”, de Bosch (1490-1500), retrata a prática de retirada de pessoas em situação de rua das cidades, incluindo PcDs, que eram colocadas em navios e deixadas ao léu. “Se Deus quisesse, sobreviveriam”.

Após esse momento com uma forte influência do positivismo e dos primeiros ideais de Eugenia, a partir do modelo médico de entendimento da pessoa com deficiência essas pessoas passam a serem vistas como doentes, seres a serem consertados. Esse ideal foi a raiz do pensamento Nazista, o que incentivou o programa Aktion T4, voltado em especial para extermínio de PcDs. Uma das estratégias era enganar pais e demais familiares prometendo cura para as PcDs visando a internação. Essas pessoas internadas nunca mais voltavam².

1: Capacitismo é um termo designado para nomear as opressões e preconceitos sofridos por Pessoas com Deficiência, que de acordo com o ideal de capacidade de corpos, há os considerados capazes, que são o padrão de normalidade e os menos capazes, isso é capacitismo. O termo chega ao Brasil em 2015 com a pesquisadora Anahi Guedes de Mello

2: Para saber mais, veja o filme Névoa em Agosto de 2016.

Ao chegarmos no período pós Guerra, onde as Pessoas com Deficiência, em especial adquirida, passam a pedir por autonomia, chegando em um entendimento maior de PcDs em sua amplitude, e, mais adiante, tendo a contribuição do Movimento feminista de mulheres com e sem deficiência, passamos a entender alguns conceitos como interdependência e ética do cuidado. Esses são pontos de reivindicação até hoje.

A história não é linear, por isso não é incomum notarmos movimentações capacitistas, como o do decreto 10502 de 2020, que voltava ao pensamentos via modelo médico e segregacionista, defendendo que crianças com deficiências deveriam preferencialmente estar nas escolas ditas “especiais”. A história está sendo feita agora, e em 1 de Janeiro de 2023, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ouvindo o movimento PcD, revogou o decreto 10502. Por isso compreender o passado das Pessoas com Deficiência é um caminho para combater o capacitismo. As Pessoas com Deficiência têm grandes representações nas Artes e nos palcos.

No palco geralmente é onde contamos histórias e em pleno 2023 PcDs já podem e devem contar sobre suas próprias jornadas. Sobre palcos e como corpos com deficiência chegaram até eles, é sabido que em torno de 1898 até meados de 1970 muitos foram trabalhadores de circos, teatros, shows, modelos de cartões postais. Por exemplo, lembremos que nos E.U.A tivemos o fotógrafo Charles B. Tripp, que acompanhou a trajetória dos circos e casas de shows com seus artistas, também da mesma época modelo Myrtle Corbin. O detalhe é que nesse período PcDs seguiam sendo vistos como algo fora do dito “normal” e “exótico” (Ainda somos)

Mas o que é a normalidade mesmo?

No mesmo período, conhecemos as “leis feias”, que vigoraram em diversas cidades dos E.U.A., sendo o principal modo de categorizar pobres, sem-teto, e aqueles com deficiências visíveis. Decretadas e ativamente aplicadas entre a Guerra Civil Americana

(1867) e a Primeira Guerra Mundial (1918).

Os “anormais”, “defeituosos” e “assimétricos” sempre estiveram aí, e muitos foram os que tornaram-se motivo de riso por serem quem são. Importante lembrar que PcDs foram atrações em gabinetes de curiosidades e circos. E hoje ainda podemos ver PcDs em programas de TV, sendo objetificados ou ridicularizados. PcDs foram historicamente consideradas motivo de riso, ou, melhor dizendo, escárnio.

Hoje, com o caminho um pouco mais avançado tendo o reconhecimento de uma estrutura capacitista, vemos quantos artistas com deficiência estão por aí, em especial criando um novo movimento, que auxilia a desconstruir ideais capacitistas sobre o que é a vida com deficiência, levando em conta o lema do movimento PcD: “nada sobre nós sem nós”, falando por si mesmas, ensinando a sociedade a rir junto com as PcDs, e não delus.

Agora, onde estão esses artistas comediantes? Aí está você, pronto para conhecer alguns, e agora mais atente a essas ausências que não são ao acaso. Quantos artistas e comediantes com deficiência você tem visto no palco? Quantas PcDs você tem visto nas platéias?

Essa leitura tem o intuito de levantar esses questionamentos e outros tantos que contestem a ausência PcD dos espaços e desloquem ideais comuns do lugar.

Já dizia Mia Mingus: é preciso que deixemos provas de que estivemos aqui! Esse livro foi escrito de forma despreziosa para ser uma dessas provas, que multiplicam ideias e ampliam espaços para que sempre existam perguntas capazes de gerar movimento, entusiasmo, fricção, mudanças...

**QUANTOS
ARTISTAS E
COMEDIANTES
COM DEFICIÊN-
CIA VOCÊ TEM
VISTO NO
PALCO?**

EU RIO, VOCÊ RI...
MAS TÁ TODO MUNDO
RINDO?





Rindo com as pessoas com deficiência e não delas

Paulo Gustavo já dizia que “Rir é um ato de resistência”. Talvez o riso seja também uma ferramenta poderosa de resiliência perante as injustiças. Eu rio, você ri... Mas tá todo mundo rindo? Quem tem usado o riso para sobreviver e resistir? Costumamos rir mais de alguém ou com alguém?

Quando pensamos em um projeto que seja de fato inclusivo, o caminho é estar permeável e presente para acolher falas e histórias que muitas vezes não passam por nossa vivência comum, pois nos acostumamos com as ausências. Na comédia stand-up, quando pensamos em quem tem acesso a esse tipo de “palco” – vamos ler palco como atenção –, vemos que a maior parte das corpas são as padrões, e nesse cenário obter atenção dos outros é romper com o silenciamento. Quais são as falas que têm sido silenciadas?

O riso vem aqui para romper silêncios e priorizar o protagonismo de vivências de PcDs, levando em

conta o lema construído pelo movimento: **Nada Sobre Nós Sem Nós, lema criado pela resistência PcD na África do Sul**, mas disseminado amplamente em 1981, ano declarado pela ONU como Internacional das Pessoas com Deficiência, onde grande parte dos direitos das PcDs passaram a ser debatidos como obrigação de todas as nações.

Mas até 1981 chegar, corpos das PcDs foram postas em situações degradantes, onde carregam até hoje diversos estigmas, um deles, o da ridicularização de suas corpos e vivências. Piadas com e sobre personagens de pessoas Surdas, Cegas, Mancas, pessoas com nanismo ridicularizadas em programas de TV.

O capacitismo é estrutural e, quando não compreendido, tende a retornar sob novas máscaras.

“Era uma vez o Toquinho, que recebeu esse nome por que não tinha nem braço nem perna.

Um dia, seu amigo chegou e perguntou:

— Toquinho, você já foi na praia?

— Não.

— Quer ir na excursão que o pessoal do vôlei vai fazer?

— Claro.

E lá se foi o Toquinho. Chegando na praia, o amigo falou:

Olhe, fique aí que a maré vem e molha você.

A maré vinha e molhava o Toquinho, voltava e molhava o Toquinho.

Esqueceram o Toquinho. E ele, sem braço e sem perna para se movimentar, e a maré alta, só deixava seu pescoço para fora.

Até que ele viu, lá longe, um bêbado vindo.

O bêbado chegou e levantou o Toquinho. Ele pensou: ‘estou salvo’.

E o bêbado, jogando o Toquinho no alto mar, disse:

— Vai, tartaruginha”

Essa piada comum e de teor capacitista que compara o corpo de uma Pessoa com Deficiência ao de uma tartaruga, além de reduzi-la a sua deficiência, o Toquinho tem retirada a sua humanidade.

“Esqueceram o Toquinho” – Quem esquece seus amigos no rolê? Quem são os amigos esquecidos na hora de marcar aquela cervejinha no bar que não tem acessibilidade? Aquela viagem que não pensa no deslocamento do amigo? Quem ri? Quem se constrange? O constrangimento existe e sinaliza que algo não está certo!

“Fui limpar os pés no capacho na casa de uma amiga. Era um poodle”— Cleber Tolini

É possível perceber a diferença do tom da primeira “piada”, de autoria desconhecida, com a situação de Cleber Tolini? Na piada acima, do ator e humorista Cleber Tolini, dono do espetáculo “O Subnormal”, ele, que possui deficiência visual, narra sua vivência com bom humor, traz o tom do protagonismo, de lugar de fala e faz com que a gente ria COM A PESSOA E NÃO DA PESSOA. E por isso é importante refletir sobre o conceito de lugar de fala e protagonismo, dessas vozes que costumemente são interrompidas:

“Se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas...” — Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala de Jota Mombaça.

Aliás, até aqui o leitor deve ter percebido a intenção em usar estrategicamente a linguagem inclusiva,

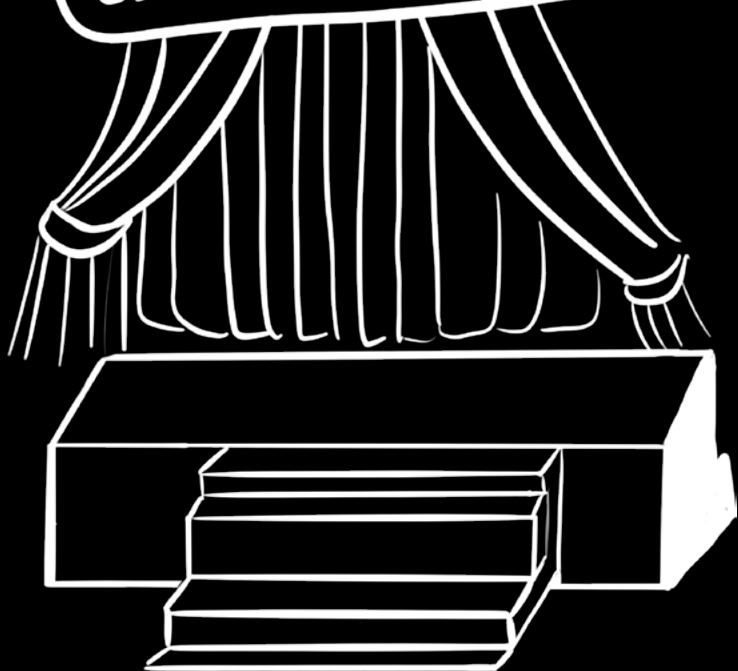
que não é um atentado à norma culta portuguesa, mas sim um respeito à adaptabilidade de todas as línguas e o seu desenvolvimento conforme local e discurso.

A linguagem inclusiva incomoda aqueles que não convivem com a diversidade, aqueles que não questionaram jamais o fato de que na diversidade há diferentes modos de se acolher u outre. No mais, caso julguem que ainda estou assassinando o potuguês, ainda é mais importante para um pensamento inclusivista a acolhida e pertencimento de todes, mas caso queiram estudar mais sobre as maravilhas da língua portuguesa, indico: Jana Viscardi, que é doutora em linguística pela UNICAMP, e algumas indicações do historiadore e artista educadore Gil Porto Pyrata: “Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa” de Gioni Caê Almeida, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. No youtube: “Linguagem neutra: precisamos mesmo dela?”, de AzMina; fala pública com ensaísta e performer Jota Mombaça para o site Despina e o Manifesto Ile, para uma comunicação radicalmente inclusiva, pelo site diversitybbox. A palavra corpa também salta por vezes, para interromper com uma hegemonia masculina da nossa língua portuguesa. Aliás a LIBRAS, Língua Brasileira de Sinais, é uma língua inclusiva/neutra.

O incômodo também é letramento e aprendizado.

O INCÔ-
MODO
TAMBÉM É
LETRA-
MENTO
E APRENDI-
ZADO

A COMÉDIA HABITA O
PALCO, MAS O PALCO
ESTA PRONTO PARA TODES?





“Um corpo intruso vem pra poder modificar o sistema. Se ele não modifica, permanece intruso; se modifica, deixa de ser. Eu quero que o corpo intruso desapareça”. — Estela Lapponi em entrevista para a matéria da revista Arte Brasileiros: “O [não] mercado da inclusão: o capacitismo no mundo das artes”, de Giulia Garcia.

Ter a oportunidade de habitar o palco, estar em estado que lhe garante a atenção para seu discurso, ainda depende de outro desafio, que é o de não ser intruso, o de modificar o sistema, a estrutura social padrão. Isso passa pelo conceito criado pela performer, atriz e pesquisadora Estela Lapponi, de “Corpo Intruso”, sobre a vivência de ser uma Pessoa com Def.¹ e a política que envolve essas corpos de terem de lutar o tempo todo com **barreiras atitudinais, físicas, sensoriais ou comunicacionais**, rompendo uma ou mais delas ao mesmo tempo para poder permanecer e pertencer aos espaços. Essas barreiras são construídas ao longo do tempo. Historicamente, as corpos com deficiência foram marginalizadas e exibidas de modo objetificador. Passamos por períodos de **exclusão, segregação, integração e “inclusão”**.

Por vezes, PcDs passaram por tudo isso ao mesmo tempo, pois a linearidade da história não existe. Inclusive, houve no século XV, uma prática chamada

1: Def.: termo que vem da abreviação do termo “deficiência” por grupos de artistas com def. da região nordeste

Navio de Tolos², onde, além da segregação, recolhiam da cidade as PcDs que estavam em situação de rua. A maioria de nós estava na época. Colocavam-nas em um navio à deriva, pois assim “Deus julgaria o destino dessas pessoas”. Se sobrevivessem ou morressem, seria a vontade de Deus. Para além, ainda tinha uma parcela das PcDs que eram consideradas bobos da corte, “adotadas” pela burguesia para os fazerem rir, nem sempre de forma digna. Porém, o riso, aqui, se tornou ferramenta de sobrevivência pois garantia abrigo e longevidade na época.

Anos depois, PcDs seguem enfrentando mais segregação e exclusão, com o **holocausto. Mais de 200.000 pessoas com deficiência foram mortas**³. Você pode achar registros e mais dados no site do United States Holocaust Memorial Museum. Utilizando de um discurso patologizante, médico, de cura, muitas famílias acharam que estavam enviando seus familiares com def. para tratamentos médicos, para se curarem das **defs**. Porém, era o Aktion T4 em ação, que matou diversas PcDs.

Vincular doença com deficiência é equívoco comum desde então, e por isso é importante nesse tratamento rompermos com essa idéia capacitista. Afinal, PcDs não são doentes, trazem condições de diversidade de corpos que é inerente à vida, onde as barreiras enfrentadas são resultantes de uma sociedade que não se construiu para acolher todas as pessoas.

2: Navio de Tolos: é uma pintura do artista brabantino Hieronymus Bosch.

3: Você pode achar registros e mais dados no site do United States Holocaust Memorial Museum.

Entre os anos de 1840 até meados de 1940, vimos o auge dos **freak shows**. Esses foram os anos em que o famoso **Museu Barnum**, localizado na parte baixa de Manhattan, iniciou um processo de deslocamento de toda uma cultura urbana local do século XIX. A ideia inicial do espaço seria de um local de ciência e curiosidades, de pesquisa e inovação. Apesar do desejo de avanço, só após 1865 que a regra racista de impedir ou segregar a entrada de pessoas negras ao Barnum mudou. Era sobre o Barnum que ainda pairavam os olhares exotizantes sobre todas as corpos dissidentes (não padronizados) que eram, ali, atrações⁴; As atrações do Museu custavam apenas 25 centavos, e a variedade de atrações e o custo baixo ampliava a gama de público do local. Com o tempo, o Museu não só exibia suas atrações, mas também abrigava esses artistas.

A sociedade não tinha simpatia pela ideia de conviver com pessoas que fugiam do padrão normativo. As chamadas “**Leis Feias**” ou “**Ugly Laws**” vigoraram entre os anos de 1867 e 1974 em diversas cidades dos Estados Unidos, onde foram proliferados esses decretos que proibiam a aparição de PcDs em público. Nas palavras de uma dessas leis: “doentes, mutiladas, ou de qualquer forma deformadas, de modo a ser um objeto feio ou repugnante”. Ou seja, uma lei que formalizava e tornava aceitável a ojeriza a corpos com deficiência e outros em situação de vulnerabilidade.

Além disso, em 1865, foi publicado na Macmillan’s

4: Faça uma busca <https://barnum-museum.org/collections/> para ver algumas imagens da época e saber mais.

Magazine o artigo “Talento e Caráter Hereditário”, do britânico Francis Galton, primo de Charles Darwin. Ali, defendia a ideia de que seres humanos poderiam aprimorar aspectos físicos e mentais por meio da escolha de parceiros, equiparando essa experiência com a que criadores de gado faziam. Pouco depois em 1904, ele escreve para o *American Journal of Sociology* definindo o termo “**eugenia**”:

“A ciência que trata de todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; também com aqueles que os desenvolvem ao máximo”.

Sabemos que a Eugenia foi, e é, a semente do pensamento nazista. Com ela florescendo em meio à intelectualidade, sem ser posta em questionamento, definiu as Pessoas com Deficiência como inaptas a uma cidadania plena. Com isso, vieram proibições de casamento com PcDs, esterilizações forçadas de mulheres com deficiência, institucionalizações, internações compulsórias, todo tipo de abandono tornaram-se práticas aceitáveis e comuns até o fim da Segunda Guerra. Relembrando mais uma vez que a história não é linear e que algumas práticas e pensamentos ainda vigoram com outras facetas, e que mulheres com Deficiência ainda lutam por direitos sexuais e reprodutivos e duplamente contra infantilização de suas vivências e silenciamento de suas vozes.

Em recorte de gênero no século XIX, Eugenistas como David Starr Jordan, Harry Hamilton Laughlin e Charles Davenport publicaram artigos, livros e panfletos

sobre eugenia para outros cientistas, mas também para o público em geral. Eles também fizeram campanha por leis de esterilização compulsória de mulheres com deficiência, a primeira das quais foi promulgada em Indiana em 1907⁵.

Só após a Segunda Guerra Mundial que PcDs passam a ter suas questões disseminadas com mais força, pois retornaram da guerra muitas pessoas que adquiriram deficiências. Nisso passamos para o entendimento sobre o modelo social, onde são reconhecidas as barreiras sociais que esse grupo social enfrenta.

Voltando ao Barnum, lá no ponto de vista do presente, podemos entender que exibiam e objetificavam PcDs, porém, no contexto da época, é importante observar que o Museu também foi um abrigo e um local de onde PcDs tinham a oportunidade de obter recursos, sobreviver e socializar entre **“Os Freaks”**. O museu abrigava uma diversidade de pessoas que eram consideradas exóticas e, por isso, dignas de exposição. Tinham o General Tom Thumb, uma pessoa com nanismo, gêmeos ditos astecas, pessoas na condição de albinas, pessoas trans, travestis, pessoas com def. Por fim, como diziam as propagandas dos Shows, muitas “curiosidades vivas, raridades, esquisitices, maravilhas, erros, prodígios, pessoas especiais e até monstruosidades”.

Um abrigo de pessoas dissidentes, aquelas que por sua condição já iam contra um padrão hegemônico (dominante); em meio a uma sociedade onde brotavam

5: Se interessou pelo tema, busque: “A presença de uma monstruosidade: eugenia, deficiência feminina e medicina ginecológica-obstétrica no final do século XIX em Nova York”, artigo de Lauren MacIvor Thompson. Disponível no site: journals.openedition.org/miranda/10536

pensamentos eugenistas, a violência também acabou crescendo, e em 13 de julho de 1865 Barnum foi incendiado. Poucos se sensibilizaram com a tragédia. No jornal “The Nation”, Edwin Lawrence escreveu: “As piores e mais corruptas classes de nosso povo devem procurar algum novo local de refúgio”. O Barnum e os artistas se recuperaram, mas em 1868 foram vítimas de um novo incêndio⁶, e os palcos passaram a migrar para as lonas de circo.

De lonas de circo para cartões postais, o auge da publicidade dos shows itinerantes. Lembremos de **Charles B. Tripp**, conhecido fotógrafo da época, que se destacou por suas estratégias ao, sem os braços, manusear uma câmera fotográfica. Vale aqui uma análise: quando buscamos os retratos de B Tripp feitos por Charles Eisenmann, notamos que ao invés de seguir o comum e trazer à tona a condição de B. Tripp, “o sem braço”, Eisenmann traz humanidade a Tripp ao adotar o nome como identificador da foto. Isso em 1880.

E, mais uma vez, rompemos a linearidade da história ao notar que Diane Arbus, fotógrafa da década de 60, não teve a mesma sensibilidade, nem era avançada em pensamento, e não tinha proximidade com as pessoas que fotografava e as identificava de modo frio, como no exemplo a sua fotografia de 1970, intitulada como: “O anão mexicano em seu quarto de hotel”.

“Freaks era [sic] Eu ainda adoro alguns deles. Eu não quero dizer que eles são meus melhores amigos, mas eles me fizeram sentir

6: Busque “reprodução de CP Cranch do incêndio no Barnum's American Museum em 1865”. Ou visite o site “NY Times Arquivos”.

uma mistura de vergonha e admiração. Há uma qualidade de lenda sobre aberrações.” — Diane Arbus em “An Aperture Monograph”, de 2012.

É nítido que os métodos mudam, mas o olhar sobre PcDs ainda seguiu carregado com exotismo e objetificação.

Esses são alguns dos fatos históricos que nos ajudam a entender a importância de PcDs no palco contando suas próprias histórias, quebrando estigmas que historicamente foram colocados em suas corpos. Lembrando que ninguém quer superar ninguém, ninguém quer ser exemplo, nem motivo de choro.

Não se trata de expor fatos para piedade, mas sim para o reconhecimento da dívida histórica que a sociedade tem com esse grupo social, que torna o capacitismo estrutural, ou seja, impregnado em todos nós, o que resulta na alimentação de estereótipos e perpetuação de discriminação. Trata-se de devolver o incômodo para a sociedade capacitista. O problema não está em nós, os Defiças. Em uma sociedade feita para um único padrão hegemônico⁷, cabe a necessária ação de reconhecer e dar espaço para vozes que foram majoritariamente silenciadas. É basicamente suturar feridas causadas pelas histórias mal contadas pela branquitude sem def., cis, heteronormativa, magra e burguesa.

Hoje, para ocupar espaços, é válida a lei da malandragem, pedindo licença para me referir a sabedoria da malandragem que evoca Sr. Zé Pelintra, que, em

7: Hegemonia: ideais de supremacia, superioridade de um povo sobre o outro.

seu samba, de bengala na mão, como muitos de nós, faz dança para driblar o adverso sem deixar cair o chapéu, sem deixar sua identidade e capacidade ser colocada à prova. Sem deixar a gargalhada falhar. Porque a nossa felicidade também é resistência, é a capacidade de diálogo ampliada.

*“Todo dia quando a noite cai.
Eu vejo ele, descendo o morro
Com o seu baralho no bolso
A bengala na mão
E um sorriso no rosto...”*

Encerro esse capítulo com algumas informações, a começar pela imagem criada por Ann Magill, a bandeira do orgulho def., onde as cores em zigue-zague nada mais são do que essa malandragem que temos de ativar para seguir vivendo.

A título de curiosidade, essa bandeira nasce na data de 26 de julho de 1990, em meio a protestos contra a discriminação das pessoas com def. Desde então o “Disability Pride” ou em tradução livre para o contexto Brasil, Orgulho Def. é comemorado internacionalmente em julho:

- Cor preta: luto por aqueles que sofreram e morreram por violência ou sem conquistar direitos;
- O zigue-zague: como as pessoas com deficiência



devem se movimentar e ultrapassar barreiras, assim como ser criativos ao fazê-lo.

- As cinco cores: a variedade de deficiências, nossas necessidades e experiências;

- As cores paralelas: a necessidade de solidariedade dentro da Comunidade de Deficiência e a interdependência.

No Brasil temos duas datas importantes que marcam as conquistas do nosso movimento social. São elas: o dia nacional da LUTA das pessoas com deficiência, no dia 21 de setembro e o dia 3 de Dezembro dia internacional das Pessoas com Deficiência. E para entender mais sobre o dia 21 de Setembro, lembremos de Cândido Pinto de Melo, que adquiriu def. após ter sido vítima de perseguição política durante o período ditatorial brasileiro e que foi baleado em abril de 1969. Na época, Cândido era presidente da União dos Estudantes de Pernambuco. Após o atentado, ele seguiu junto aos movimentos sociais e teve papel importante junto à luta das PcDs. Foi Cândido que, em 1979, junto ao movimento de PcD, sugeriu o mês de setembro, o mês da primavera, que simboliza de algum modo a necessidade de transformação social que o movimento reivindica.

Setembro também foi o mês escolhido pelo Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência, para dar início a práticas que levam em conta a importância do recorte de gênero dentro da luta PcD, que por anos teve grande protagonismo masculino, branco, onde tornava-se maior a dificuldade de prosseguir com pautas específicas de acolhida de todas as mulheres. O

Coletivo iniciou em 2018 e atua até hoje.

Pensando em interseccionalidade, termo cunhado pelas mulheres negras, especificamente por Kimberlé Crenshaw em 1989, as mulheres com def. jamais recuaram na luta por acesso. Em 1973, Maria de Lourdes Guarda fundou a Fraternidade Cristã de Pessoas com Deficiência, em um momento que ainda dependíamos de assistência da igreja para não sermos negligenciadas, o que não difere muito da realidade de hoje nas periferias das cidades. Não é à toa que vemos diversas igrejas cristãs e evangélicas com intérpretes de Libras, enquanto em hospitais e postos de saúde não temos. A luta para que o estado se responsabilize é imensa, nosso país é laico, e surdes de outras religiões também merecem ter acesso aos sinais corretos, dentro uma ética laica.

Maria de Lourdes Guarda, nascida em São Paulo, assumia-se como pessoa com deficiência e fez do quarto em que residia um ponto de encontro importante do movimento social. De lá organizou marchas das quais também participou, ocupando as ruas da cidade de São Paulo, deitada em sua maca. Outras mulheres com larga trajetória no movimento e mais contemporâneas são: Izabel Maior, professora, médica e militante, e Ana Rita de Paula, doutora em psicologia e pioneira nas aproximações dos conceitos do feminismo para com o movimento das mulheres com deficiência.

Nos últimos anos, a descentralização de vozes PcDs de homens, cis e brancos, ganhou maior espaço e hoje podemos, por exemplo, acompanhar além do **Coletivo Feminista Helen Keller**, o **VNDI (Vidas Negras**

com Deficiência importam) iniciado por Luciana Viagas (@umamaepretaautistafalando), **o coletivo autista da Unesp e Usp**, e o **Vale PcD**, um grupo de Pessoas com Deficiência e/ou integrantes da comunidade LGB-TQIAPN+, onde, dentro de seus protagonismos de fala, acessibilizam eventos e formam uma rede de apoio a saúde mental com o foco em atender essa parcela da população.

Há poucos registros sobre o movimento das pessoas com deficiência no Brasil; esse apagamento histórico leva a sociedade em geral a se fixar em um tipo de pensamento capacitista, onde julgam PcDs como não capazes de contribuir socialmente. Inclusive, poucos sabem, mas o movimento PcD fez parte ativa da construção da constituição de 1988 e conseguiu avançar em muitos pontos dos direitos humanos. Hoje, temos o Memorial da Inclusão, hoje museu, fundado em 2009, onde constam diversos dados sobre a luta no Brasil.

Para não esquecer, temos ainda o dia 3 de dezembro, instituído pela ONU em 1992, como o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência. Não podemos deixar passar 1981, que vamos mais à frente abordar, o ano das Pessoas com Deficiência, onde o lema levantado foi “Participação Plena e Igualdade”, para ampliar o compromisso de todos os países com a acessibilidade e inclusão de todos.

A luta das PcDs vem de tempos. É uma história que caminha contribuindo com a construção de nossa política de direitos humanos. E quando pensamos em palco, vale lembrar que todo direito de acesso à cultura

nasce antes de uma luta política, por isso vamos a alguns dados sobre acessibilidades:

Segundo o IBGE em seu senso de 2012, no estado de São Paulo vivem 3 milhões de pessoas com deficiência. Em 2020, segundo a mesma fonte, estimou-se, no Brasil, 17,3 milhões de pessoas com def. acima dos dois anos de idade. Somos muitas, e o acesso ao lazer, à cultura e à arte faz parte da cidadania e são direitos. Na LBI (Lei Brasileira de Inclusão), no artigos 42 ao 44, vemos todas as determinações de acesso à cultura, arte e lazer garantidas na leis:

- Artigo 42: A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;
- Artigo 43: O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo;
- Artigo 44: Nos teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, locais de espetáculos e de conferências e similares, serão reservados espaços livres e assentos para a pessoa com deficiência, de acordo com a capacidade de lotação da edificação, observado o disposto em regulamento.

Há a Lei 13.442/2017, instituída no dia 8 de maio de 2017 e que nomeia o dia 19 de setembro como Dia Nacional do Teatro Acessível, como um estímulo à cultura do acesso.

E mesmo diante de tantas leis de acesso, vemos a pesquisa de 2021 do CCBB e Web Para Todos, no ciclo Encontro CCBB Acessibilidade Digital, sobre conteúdos vinculados à arte e à cultura de modo online.

Dados mostram que PcDs gostariam de ter mais acesso a essas informações de modo acessível. A constatação é de que, se há interesse no online, também há interesse no presencial.

Porém, por que não vemos PcDs acessando mais espaços de arte, cultura e lazer? Onde estão as políticas e estratégias de formação de público com def.? PcDs estão apenas destinadas a habitar espaços de reabilitação e hospitais? Pois nesses espaços vemos muitas PcDs.

A cidade de São Paulo em 1929 foi a primeira cidade da América Latina a receber eventos de eugenia, e a formar encontros da sociedade eugenista. Havia concursos onde os bebês que possuíam condição “perfeita e sadia”, assim como seus antepassados, podiam se classificar e serem premiados com o título de perfeição. É possível em uma rápida busca por imagens na internet encontrar descritivos de concursos de eugenia em SP⁸.

Em 12 de outubro de 1903 na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, foi fundado o Hospital Colônia de Barbacena, acompanhando a onda de institucionalizações e psicofobia que se espalhava pelo mundo, onde 70% dos internados não apresentavam registro de qualquer transtorno intelectual. Eram em sua maioria pessoas de identidade LGBTQIAPN+, alcoólatras, militantes políticos, mães solo, pessoas em situação de rua, negres, pobres, indígenas e pessoas sem documento. Em 1929, no Rio de Janeiro, o “Boletim de

8: No site “São Paulo In Foco” há matérias sobre os anúncios desses concursos de Eugenia em São Paulo

Eugenia” foi criado pelo médico Renato Kehl, querido amigo de Monteiro Lobato.

“O contato de Renato Kehl com eugenistas norte-americanos e de países como Alemanha, Noruega e Suécia foi ainda mais próximo, sobretudo a partir do final dos anos 1920...Kehl realizou ao menos três grandes excursões para a Alemanha e outros países do norte da Europa. Essas viagens, que duravam até seis meses, foram realizadas justamente no período de maior efervescência da eugenia na Alemanha, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930. Conforme a historiografia tem apontado, é possível afirmar que o movimento pela ‘higiene racial’ criado durante a República de Weimar (1918-1933) formou as bases ideológicas e institucionais que vigorariam a partir da chegada do partido nazista ao poder, quando o tribunal eugênico foi instituído como um importante programa do partido nazista (Proctor, 1988; Weiss, 1990).” — trecho de: “A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930” de Vanderlei Sebastião de Souza em 2016.

Esses fatos são importantes para lembrarmos que quando falamos de eugenia e nazismo, eles não estão distantes da construção do nosso país, nem da cultura fomentada aqui, em especial no sudeste do Brasil.

“País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é país perdido para altos destinos [...] Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre

demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva” — uma carta do escritor Monteiro Lobato, enviada a Arthur Neiva. Ambos mantinham estreita relação com Renato Kehl. Publicada na revista “Bravo!” em maio de 2011 na página “Géledes - Literatura e racismo: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra”.

Lobato ainda teceu em 1917 o artigo “Paranóia ou Mistificação”, sobre as obras da artista Anita Malfatti, uma mulher precursora de um movimento artístico revolucionário. Mesmo em meio a tantos homens, ela incomodaria menos se sua identidade não fosse constituída também pela deficiência com a qual ela nasceu e que escondia com um lençinho, devido ao capacitismo e discurso Eugênico da época. Lobato abala a carreira de Anitta pois ele não só ataca uma mulher com deficiência mas uma mulher que ousa trazer um novo movimento artístico e tendências expressionistas para a conservadora elite brasileira.

“Embora eles se dêem como novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranóia e com a mistificação (...)” — Monteiro Lobato na Folha de São Paulo, em 1917.

Monteiro Lobato, eugenista como era, hoje estampa nomes de escolas, e deve ser lido com olhar crítico e atento, como exemplo a não ser seguido. Ele que se apropriou da imagem do Sacy, uma entidade com def. e negra. Aqui separei alguns trechos capacitistas e racistas de “O Sacy”, de Monteiro Lobato na edição de 2007:

- “Todos tinham medo de Sacy, tais eram as histórias cor-

rentes a respeito do *endiabrado moleque de uma perna só*”.
— pg. 20

- “*O Saci é um diabinho de uma perna só* que anda solto pelo mundo, armando reações de toda a sorte e atropelando quanta criatura existe...Quem consegue tomar ou esconder a carapuça de um saci por toda vida fica senhor de um pequeno escravo.” — pg. 21
- “Dali a pouco um *Saci preto que nem carvão*, de carapuça vermelha e pitinho na boca.” — pg. 22

Por fim, Lobato enche de estigmas e visa educar muito bem a sociedade por meio de suas obras, onde Sacy esbarra em barreiras atitudinais ao ser chamado de diabrete, pernetta, o que cheira a enxofre, tudo que é veiculado a algo demoníaco e do monstruoso, estigmas que recaem sobre pessoas com def. e pessoas negras, vide o racismo religioso que vemos até hoje, em 2023.

Então, eu pergunto: como seria crescer dentro de um mundo onde figuras que te representam estão sendo lidas como seres inacabados, como demônios, monstros (vide outras culturas, como Frankenstein), traiçoeiros, histéricos, ou tentando superar a si mesmo, ou a sua condição social (lembre-se da maioria dos filmes que você chora com pessoas com deficiência sendo retratadas)? Por isso a representatividade importa. De fato é preciso representatividade com responsabilidade social, e que ela não pare nela mesma, mas seja também participativa. Representatividade participativa, com PcDs autoras de sua história e consciente de si socialmente. Parece pouco, parece frágil, mas já promove mudanças.

A QUEM TEM
PERTENCIDO
O RISO E O PALCO?





Neste capítulo, você, leitor, ser social, terá o contato com algumas histórias de artistas, humoristas, pessoas com def. que habitam o palco profissionalmente e que tiveram de romper ou ainda têm de romper barreiras para permanecer no espaço que lhes é de direito e de desejo.

Lembrando que segundo Art. 2º da LBI: “Considera-se **pessoa com deficiência** aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais **pessoas**”. As pessoas com def. podem enfrentar **barreiras arquitetônicas, urbanísticas, de transporte, tecnológica, de comunicação e atitudinais**. As atitudinais são as que alimentam todas as outras e justamente é a que podemos, com estudo, vontade e abertura para a diversidade, ajudar a romper. Por exemplo, na falta de acesso, quando não há uma acessibilidade arquitetônica, é comum que as pessoas normalizem o fato de tocar e carregar pessoas por escadas, degraus, justificado como uma boa vontade em acolher PcDs, porém isso, além de gerar constrangimento, alimenta uma relação complexa de entendimento do corpo/corpa/corpe com def. como público, ou seja,

peessoas passam a tranquilamente sentirem-se permitidas em desvalidar a voz da pessoa com def. e tocá-la, muitas vezes insistindo em uma ajuda equivocada, normalizando situações que são constrangedoras, em certas situações até abusivas e validando falas dos que julgam as corpas com def.

Outra situação para refletirmos é a que, se todes entram em um ônibus, em um bar, em uma loja, no cinema, de forma autônoma, sem olhares julgadores, pois a corpa/corpo/corpe de ninguém é pública, por que PcDs não podem? Os olhares geralmente são de pena, mas basta a PcD reagir ou emitir sua opinião sobre a situação que os olhares mudam para o de julgamento e suas diversas formas de desvalidação. Seja do que foi dito, seja da situação, tudo para abafar uma situação que nitidamente é capacitista: “são radicais demais”, “mas é só não ligar para os outros”, “é só você pensar que pelo menos está aqui”.

O que muitos não percebem é que esse tipo de fala deixa de responsabilizar sobre a ineficácia do cumprimento da LBI, a ineficiência de uma política de inclusão e passa a responsabilizar a PcD, como se ele/ela/elu não fosse forte o suficiente para aguentar certas situações. E sempre há alguém com um exemplo de superação e romantização da falta de acesso pronte para falar e colocar a pessoa com def. como uma pessoa “mimizenta”, “vitimizadora”, “sensível demais”, “dramática”, “utópica” e “fora da realidade”.

A última é a que mais me incomoda. Quer pessoa mais dentro da realidade do que as que são feridas por ela cotidianamente? Muitas vezes, algumas pesso-

as com def. ainda cometem o auto capacitismo, pois o processo de consciência social não analisa o coletivo, mas passa por análises genéricas pessoais e individualizadoras. Essas pessoas acabam reproduzindo o capacitismo e se tornam vítimas delas mesmas. Por isso a educação e o reconhecimento de quem tem contado nossa história e de quem abriu caminhos para que PcDs habitassem lugares que talvez não habitassem antes se faz importante para não darmos espaço para a falta de políticas de acesso nem para que a dívida histórica não recaia nas PcDs como questões individuais e não coletivas, que de fato são.

Aliades/aliadas/aliados de luta coletiva: ceder espaço para quem historicamente não pôde estar em lugares de destaque, tomar ciência de outras realidades que não a sua, não deve ser ação disparadora de lamentações, culpa, justificativas. Deve ser espaço para reconhecer a falta de políticas públicas de acesso, a falta de um compromisso social com a igualdade de oportunidades, espaço para reorganização coletiva e social de responsabilização, espaço de estudo. Perante a tudo isso, o que nós podemos fazer juntas? Como nos organizamos para maior acolhimento de todes? Como disseminar uma cultura do acesso em uma comunidade? Como estimular que todes vejam a potência das diferenças? Eu consumo conteúdos e informações de fontes e referências que são feitas por uma diversidade de pessoas?

É importante reconhecermos que a luta anti-capacitista defende uma luta anticapitalista, igualdade na produção e distribuição de bens e serviços. Acessibilidade precisa de dinheiro, estatisticamente 8,4%

da população brasileira possui def. Isso equivale a 17,2 milhões de pessoas (IBGE 2020). A maior parte se concentra nas regiões nordeste e centro-oeste. Quando consideramos a questão racial, a maior parte da população com deficiência é negra (8.7%); de gênero, a maior parte são mulheres (9.9%); no mercado de trabalho, as maiores barreiras estão postas para as pessoas negras com def. e para as mulheres com def.. A taxa de desemprego para mulheres negras é de 13.4% e mulheres brancas, de 12.6%, enquanto que para mulheres sem def. é de 8.3%. Todos esses dados do IBGE de 2020 para lembrarmos ainda que pessoas com deficiência estão concentradas nos trabalhos de menor remuneração ou no campo da informalidade. A taxa de participação de PcDs no mercado de trabalho é de apenas 28.3%, com rendimento mensal de R\$1.639, enquanto que para PsD (Pessoas sem Deficiência) essa taxa é de 66.3%, e o rendimento mensal é de R\$2.619. Para acesso a tecnologias assistivas, para uso de medicamentos, para realização de acessibilidade arquitetônicas e para acessar transporte acessível, precisamos de capital, porém somos a minoria com menor poder aquisitivo, com menos oportunidades de trabalho. Por isso, discutir sobre anti capacitismo sem um compromisso com a discussão da luta de classes não cola, não vai passar de um discurso superficial¹.

Por isso, aliades/aliadas/aliados, não negligenciem ausências, questionem e questionem de modo coletivo, pois a coletividade e a cooperação mútua, o entendimento de interdependência ainda é o melhor caminho contra a negligência do Estado.

1: Dados do IBGE 2020 com análise da Agência Brasil.

Cooperação, essa que é cerne da sobrevivência nas periferias já há muito negligenciadas. Sem cooperação e luta coletiva damos espaço para o fascismo e perdemos espaço de letramento, de encontro, de abertura a diversidade, de conversa com quem ainda não teve acesso a determinados discursos. Perder espaço é perder aliadas, é perder força coletiva, é dar brecha para discursos perigosos se alastrarem entre os nossos. Mas mais adiante falamos mais disso.

Há diversos modos de estar em um lugar, e habitar lugares de constrangimento e violência não pode ser um modo aceitável. Ver u outre nessa posição também não. Ah! Mas agora nem ajuda posso oferecer? Pode! Fazendo junto, sem hierarquizar relações, sendo uma aliade/aliada/aliado que reconhece a ineficiência social ao mesmo tempo que sabe da capacidade de pessoas com def. de expressarem o que desejam e podem fazer. Não precisa deixar de oferecer ajuda, pois a estrutura é como é, mas faça como se oferecesse para qualquer uma e ouvindo a perspectiva da pessoa. Já parou para pensar que uma cadeirante pode não querer ter seu corpo tocado, e preferir ir embora ou não topar o seu rolê? Com quantos amigos com def. você já saiu? Você costuma ir no espaço ou perguntar se tem acessibilidade antes de confirmar o rolê com u amigue com def.? Costuma pensar em como u amigue com def. vai se deslocar? Quantas barreiras poderiam ser diminuídas se pensássemos mais em como incluir todes no rolê?

Responder a essas perguntas é colocar em prática a Ética do Cuidado, conceito reivindicado desde os anos 80 pelas mulheres com e sem deficiência, como uma crítica ao modelo social proposto apenas pelos

homens com def. As mulheres com deficiência passam a defender um modelo bio-psico-social, em um equilíbrio respeitando e reivindicando essa ética do cuidado, contestando o mito da independência criada pelo viés capitalista:

“Uma ética do cuidado’ refere-se a uma reflexão sobre interdependência como parte das relações humanas, nas quais, em maior ou menor grau, todas e todos dependem (ou dependerão) uns dos outros em algum momento da vida – e isso não é exclusividade das pessoas com deficiência.

Embora seja difundido o “mito do sujeito independente” nas sociedades modernas e capitalistas, nunca somos completamente independentes.

A invenção do sujeito independente é uma criação do capitalismo. (Re)pensar o cuidado nos obriga abandonar a ideia de algo individual, restrito ao sujeito.

Assim, é necessário rediscutir o conceito de dependência quando se trata de pessoas com deficiência: ao invés de atribuímos um caráter negativo, devemos pensar que, para algumas pessoas, a vida só será possível se houver uma rede de apoio.” — Trecho do texto de Laureane M. de Lima Costa, no guia do coletivo feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência. Você pode conferir uma série de textos no guia do coletivo feminista Helen Keller de mulheres com deficiência, que está disponível online.

Acontece que para algumas pessoas, as padrões, suas dependências foram sanadas pelo capital, por exemplo:

- Você chega em casa e não há tempo de cozinhar, você pode pedir uma comida.
- Você chega em seu trabalho e tudo está limpo e organizado, você não precisa limpar.
- Você vai fazer uma trilha, e você não precisa se preocupar com o tempo dela, pois a maioria atinge o objetivo em uma caminhada de 1h, e você não precisa pensar nisso, você é o padrão.

Todo o acesso, com exceção do último exemplo, precisa de poder capital, mas tendo o poder em mãos, mesmo que pouco, você já tem acesso a algo que a indústria já pensou em sanar para você, portanto isso dá a leve impressão que você, por ter poder capital, pouco que seja, te garante a independência e isso te hierarquiza socialmente, onde você, sem def., menos dependente, é superior a quem depende, por isso o pensamento sobre acessibilidade se torna chato ou coisa de chato: “A gente só coloca Libras se vier alguém surdo, e reza pra não vir”; “Se vier alguém com def. visual para essa exposição de arte, vou ter que descrever tudo! Que saco!”

Porém, quando reconhecemos a interdependência, reconhecemos todos esses serviços que estão ao redor dos padrões, dos sem deficiência, dos menos dependentes, sanando sua falta de acesso. E não hierarquizamos quem depende mais, não tememos a dependência do outro, pois todos dependem de algo ou alguém o tempo todo. Inclusive, Paulo Freire e tantos outros educadores trazem essa questão ao lembrar que dependemos da relação com o outro para nos formarmos, inclusive, como seres sociais.

Parabéns! Você também depende! Talvez isso te frustrate menos quando você, Pessoa sem Deficiência, envelhecer, ou caso o destino traga alguma def... Se liberte da independência e busque liberdade e autonomia e rompa com esse ciclo de ojeriza a dependência do outro. É importante na vida aprendermos mais sobre cuidado, consigo e com o outro, do que sobre independência

Cuidado de modo ético que é responsabilidade não só nossa, ou de familiare, mas de toda a sociedade. Não à toa, quando pensamos em matrizes curriculares para as escolas, desde cedo se é estimulado os conceitos de abertura, a diversidade, empatia e colaboração, pois isso é ser socialmente ativo perante as injustiças sociais já postas por uma estrutura social que não foi feita para acolher a todes. Por isso, experimente pensar em seus lugares de conforto. Quais são eles? Onde você costuma ir e se sentir confortável tem uma presença diversa de pessoas? Sim? Mais ou menos? Não? Um rolê em um bar só com pessoas brancas, pode ser um lugar de desconforto e violência para pessoas negras, um lugar onde não há banheiros que usam da linguagem inclusiva pode ser violento para pessoas trans, um lugar que não oferece assentos para pessoas gordas é violento, um lugar sem acessibilidade ou que force a pessoa a passar por situações de constrangimento é violento.

Se você não costuma passar por situações constrangedoras, nem violentas, você tem o privilégio do conforto, da paz em muitos lugares. Reconhecer esses lugares de conforto e privilégio já é um caminho para que você seja um aliado/aliada/aliado em espaços não inclusivos, questionando as ausências de diversidade

nesses lugares, trabalhando para que elas possam virar presenças e encontros. Achou difícil? Complicado? Experimente começar se encontrando, mantendo em seu ciclo de amizades pessoas diversas, acompanhe suas conversas e discussões. Fure sua bolha normativa de relações, questione-a, questione inclusive o fato de discursos (e livros) como esse não chegar a determinados espaços, leve esse discurso, converse, troque ideia sem preconceitos, não generalize grupos e suas ideologias, pois são pessoas em uma estrutura social capacitista; analise onde é campo fértil para desconstrução, teime na conversa. Teime, afinal, do outro lado, aqueles com discursos de que defixa tem de estar em escolas especiais, segregadas, que são doentes, tem probleminha, são anjos azuis, esses não cansam de teimar e tem toda uma estrutura e capital a seu favor. Mas caso canse, ative o coletivo, divida o front, valorize o micro. Descubra a sua estratégia ao trocar uma ideia honesta com u outre sem ultrapassar os seus limites.

Nada desse parágrafo acima é comprovado cientificamente, mas são algumas das estratégias e ações que aprendi em 12 anos trabalhando com arte e educação, no front, conversando com professores de escolas públicas, alunes, educativos de museus, de centros culturais, equipes de atendimento ao público, coletivos, enfim, grupos diversos, onde questionei, fui questionada e provocada a seguir questionando. Agradeço.

Hoje, no Comédia Sentada, de modo coletivo buscamos ampliar uma diversidade de vozes PcD, com a ideia de romper generalizações sobre nosso grupo

social, inclusive aquela de que PcDs são individualistas. Pelo contrário, foi só termos um pouco mais de acesso, nós estamos colhendo alguns frutos de uma política de cotas, de programas de acesso ao ensino superior, de outros programas sociais que levou luz para todes, o básico, com a ampliação do acesso a internet, que então nós provamos que conseguimos nos organizar coletivamente e queremos estar em coletivo, de forma ainda mais diversa, rompendo com o discurso que majoritariamente era dados a homens, cis, com def. e brancos.

Talvez a gente não grite: “vem pra rua”, afinal nem todes nós podem, ou se sentem seguros; nem todes tem a estrutura para se locomover plenamente. Mas alguns de nós irão e com certeza temos hoje outros modos de pertencer e lutar. Nosso dito “ativismo de internet” tem reunido grupos de PcDs de todo o Brasil. O Coletivo Feminista Helen Keller é formado por mulheres do Brasil todo, organizado em um grupo de Whatsapp, e muito bem organizado nas suas comissões. Realizamos diversas formações e durante a pandemia formamos um grupo de autocuidado em parceria com o CFEMEA, que foi essencial para mantermos nossa saúde mental, sendo um dos grupos de risco da Covid-19. Em 2020 e 2021, em anos de isolamento social, onde grande parte da população utilizou da internet como acesso a seus grupos de trabalho e estudo, eis que há um aumento de buscas sobre: “capacitismo. O que é?” Reproduzindo a questão de Edu. O. em sua Carta aos Bípedes, nós já habitamos o isolamento mas agora saindo do isolamento, quem irá se comprometer

para que todes saiam?

As PsD entraram em contato com mais PcD e isso pôde gerar alguns questionamentos sobre acesso, e sobre a segregação de PcDs. A prova é o interesse maior da população em querer buscar a definição do termo capacitismo nos períodos de isolamento pelo Google Trends. É simples fazer esse comparativo e perceber a alta procura.

Da força coletiva vem uma importante ação de contarmos nossas próprias histórias, reconhecendo as barreiras que enfrentamos, ajudando uns aus outres a traçar estratégias para permanências nos espaços, por isso abaixo você irá ler alguns relatos que buscam devolver o incômodo que muitas vezes PcDs, e outras corpos fora do padrão, sentem em razão de uma ineficiência social em acolher a todas as pessoas.

Karina Sbruzzy

Elenco Comédia Sentada @karinasbruzzy



“Apesar de ser comediante, não vou a shows de humor nem a espetáculos de teatro, porque não consigo ouvir. Só vejo shows através de vídeos legendados. Não há fones de ouvido super potentes nas cadeiras de um Teatro nem de um clube de comédia. Também não há legenda do texto do humorista, em tempo real, passando num telão. Libras eu não entendo. Há milhões de surdos que ouvem através de aparelhos auditivos e não sabem a língua de sinais, como eu. Outra dificuldade que tenho, agora como artista, é nas cenas interativas. Antes da minha surdez usava demais essa técnica, que funciona muito no humor. Agora não consigo interagir com a plateia, por não ouvir o que eles falam.”

Neto Salvador

Elenco Comédia Sentada @netohsalvador



“Voltei para o mercado de trabalho após sete anos aposentado por invalidez e comecei perceber o quanto é defasada a representatividade das Pessoas com Deficiência em locais de fala. A falta de oportunidades e acessos nos ambientes culturais, arquitetônicos e interpessoais ainda é significativa. Deixei de ser um coadjuvante pacífico e comecei a ocupar, de fato, todos os ambientes em comum com as demais pessoas. Ainda me deparo com o preconceito, principalmente das Pessoas sem Deficiência, a chamada barreira atitudinal é a que mais me incomoda. Já presenciei com outros e vivi momentos em que as pessoas usavam a deficiência para se promover sem de fato ser pessoa com deficiência, em maioria detesto que falem por mim, como se eu não tivesse capacidade para isso.”

Tatá Mendonça

Elenco Comédia Sentada @ceganacomedia



“É muito importante que as pessoas tenham ‘empatia’. Não somos todos iguais. Então pergunte como a pessoa com deficiência gosta de ser tratada ou como pode nos ajudar. Não chegue em um ambiente, cumprimente a todos e não cumprimente a pessoa com deficiência. No meu caso, que sou cega, já passei algumas vezes por esta situação inclusive, em shows onde vou me apresentar. Por vezes o produtor (que me convidou) passou por mim a noite inteira e só me cumprimentou após o meu show. Toda vez que isso acontece, eu chego no final do show no produtor e pergunto porque ele não me cumprimentou no início do show. Quando sairmos do palco sob aplausos, não venha na sequência com a piada do ‘aplaudiram porque é PcD né’. Essa piada desmerece nosso trabalho, além de ser ruim. Acima da minha deficiência está a minha capacidade.”

Daniel Morbi

Elenco Comédia Sentada @danielmorbi_



“Meus problemas em eventos culturais não são problemas de acesso, mas sim de desinformação. Por não ter mobilidade reduzida, não sofro tanto com o capacitismo arquitetônico. Porém, o desconhecimento que a organização de shows ou de feiras culturais podem ter sobre direitos PCD é assombroso. Houve vezes em que, ao perguntar por seções para pessoas com deficiência em estádios ou fretados dedicados para PCDs em eventos, me senti como a batata do jogo de batata-quente: sendo jogado de um lado para o outro, sem ninguém saber o que me responder.

(In)formação é importante para a acessibilidade.”

Marião Pirata

Elenco Comédia Sentada @mariaopirata



“Como artista, já deixei de me apresentar em alguns locais por falta de acessibilidade. Os organizadores até se oferecem para me carregar, mas eu avalio a situação da seguinte forma: 1º O risco de queda é alto, porque eles não são treinados para fazer isso da forma correta. 2º Se eu concordar estou abrindo um precedente para que o dono do estabelecimento se acomode e não se sinta na obrigação de fazer um acesso. Como público, o que geralmente ocorre é o espaço falar que tem acessibilidade mas chegar lá e o elevador, banheiro, rampa... estar quebrado ou interditado. É nesse momento que penso que alguns locais tem acessibilidade só para não tomar multa ou por ignorância de fato.”

Braz Fernandes

Elenco Comédia Sentada @brazjr



“Eu não dobro meu joelho esquerdo, portanto quando vou à teatros sofro pelo espaço entre os assentos, pois em sua grande maioria são bem próximos dos assentos da frente. Assim, tenho que chegar muito cedo para escolher onde me caiba. Quando os lugares não são marcados, então chego ainda mais cedo para que possa entrar e escolher um lugar ‘bom’. Nem sempre acerto um que me caiba de primeira, então é muito humilhante ter que ficar testando os lugares, o que faz com que eu minta dizendo que estou confortável, mas passo o tempo todo com dor na minha perna pela posição que sou obrigado a ficar.”

Manoella Back

Produtor e Atriz Comédia Sentada @manoella.back



“Estou no teatro há mais de uma década com a luta constante de viver da arte, já que, sim, a arte salva. Mas será que dela se vive tendo corpos que fogem dos padrões estabelecidos? É possível viver de arte quando teu maior instrumento de trabalho – o corpo – nem sempre circula por aí? Como construir partituras ou matrizes corpóreas se você não possui referências de corpos dissidentes em palcos ou vídeos? Consigo contar nos dedos os teatros que nos conduzem até o palco sem qualquer barreira arquitetônica. Também lembro, nas andanças como atriz e produtora, de camarins acessíveis.

Agora, mas só agora, é possível pensar em shows com intérpretes de libras ou abafadores de som. (Será este o próximo crip money?) Participarás ainda de mesas com educadores ou artistas em que as palavras construção, liberdade de criação, subverter, acolher, respeitar e libertar serão constantes, mas, ao atingir, as questões das deficiências, estas mesmas palavras se transformarão em ‘problema’, o que faz com que nossas experiências sejam surrupiadas sem dó, nem piedade. Ou seja, aceitação e inclusão até a página 7. A gente abre esse mato a facadas, todos os dias!”

Os relatos acima levantam diversos temas que precisam começar a ser debatidos. “Esse mato tem que abrir”. É preciso ceifar espaços de micro e macro violências que PcDs têm de driblar e enfrentar para habitarem os espaços e garantirem seu protagonismo de fala e permanência. E, para isso, é preciso reconhecer essas violências. Há situações narradas onde homogeneizam pessoas Surdas e Pessoas com Def. Auditiva, colocando-as em caixinhas, como se as necessidades fossem as mesmas. Há falta de empatia, de valorização, de produção feita por PcDs. Há falta de acesso nos locais de trabalho, cultura e lazer, e há uma falta de acessibilidade que passa pelo sutil distanciamento que a sociedade tem da intimidade de acesso, quando a PcD tem de criar sozinha estratégias para sua acessibilidade acontecer sem constrangimento: chegar cedo ao espaço para garantir um local acessível, avaliar a situação de ser carregado ou não. Isso já não deveria ser cogitado? Quando exercitamos a intimidade do acesso já não permitimos, não damos espaço para situações como essa da cadeira de rodas, por exemplo, acontecerem, ou pelo menos não damos espaço para essa situação acontecer sem o constrangimento direcionado ao prumo certo, a sociedade capacitista.

Intimidade de acesso é o termo que vamos abordar no final desta publicação (termo levantado por Mia Mingus). Junto à ética do cuidado e interdependência, ambos são termos necessários para o exercício de romper com práticas capacitistas que direcionam os problemas e a ineficiência de uma sociedade capacitista para o indivíduo, como uma pessoalização do problema. O problema do capacitismo é coletivo!

maior problema é você.



Nós não estamos pedindo para ninguém trocar de lugar com a gente. Isso não é possível. Mas pense um pouco na quantidade de preconceitos que temos de enfrentar todo santo dia.

Vá somando.

Somos preteridos num emprego, mesmo quando temos a mesma capacidade de trabalho dos outros candidatos.

Passamos por todos os desconfortos nas ruas e nos lugares públicos.

Sentimos no olhar das pessoas culpa, pena e até mal-estar diante de nossa presença.

Vivemos tudo isso diariamente.

E a verdade é que a deficiência física é apenas mais uma limitação pessoal, num mundo de pessoas cheias de limitações.

Muita gente se esquece que nós, como qualquer um, também acordamos, trabalhamos, comemos, descansamos, temos família, pensamos e sentimos.

Nós temos certeza de que se está procurando criar mais condições para resolver nossos problemas materiais.

Mas é preciso lembrar que a compreensão vem em primeiro lugar. Só ela pode acabar com os preconceitos e a indiferença.

Isso é o principal. É um ótimo começo.

Quem sabe, depois de ler este anúncio, você pára e arranja um tempinho para pensar nisso?

Fotografia de recorte de cartaz em preto e branco, do movimento PcD brasileiro, meados dos anos 80. Esse cartaz foi distribuído para o público em formato de postal pelo Memorial da Inclusão, hoje museu.

COMO NÃO IGNORAR
AS AUSÊNCIAS?
QUEM ESTÁ CIRCULANDO
POR AÍ E COMO?





Como a bipedia¹ pode deixar de proliferar o capacitismo? O que podemos movimentar para que PcDs deixem de ser ausências ou intrusos nos espaços.

“Se a sua inclusão quiser nos colocar nos cercadinhos específicos que mais excluem, sim, você é bípede. Se entende que o corpo sem deficiência é a única possibilidade de normalidade, sem dúvida, você é bípede” — Edu. O.

O capacitismo é estrutural e está enraizado em nossa história a cada avanço do positivismo no Brasil e dos pensamentos de eugenia. Essas influências fazem com que a sociedade pense que ser Pessoa com Deficiência é viver em estado de doença em um corpo que nasceu errado, e por isso a tendência é que as pessoas queiram afastar o diferente. Pois o pensamento de eugenia, que é a base do pensamento nazista, faz com que se crie hierarquias onde um ser humano é melhor e mais evoluído que outros; com isso se criaram os padrões.

Para quem está fora dos padrões cis/hétero/branco/masculino/sem def/magro, posso acrescentar também o fator de poder; quem tem menor poder aquisitivo para algumas situações, é segredo, excluído ou silenciado.

O pedagogo e escritor Roberto Parmeggiani, em seu livro *Desabilidade*, vai contar brevemente uma vivência de seu avô, italiano como ele, que foi preso durante o período de dominação Nazista, levado para um campo de trabalho em Stalag, na Áustria, onde perdeu

1: Bipedia: Termo usado pelo ator e pesquisador Edu. O. para se referir a pessoas sem def. que são capacitistas.

tudo e recebeu como identidade apenas um número em sua pele. Com esse relato, o autor irá tecer uma relação com o que ele chama de “palavras-estereótipos”:

“Como os números na pele, também as palavras colam nas pessoas e as definem, sempre que uma identidade plural, cheia de nuances é reduzida a uma única característica, geralmente negativa. São palavras-estereótipos, que como rótulos adesivos, colam nas pessoas e as categorizam e que, uma sobre a outra, constroem uma imagem que vai condicionar nossas relações.” — pg 23

É preciso romper com essa desabilidade projetada, que nos faz reproduzir as palavras-estereótipos. É preciso alimentar a alteridade e um pensamento anti capacitista. Isso é um exercício constante de atenção com o outro e com como você se relaciona com o mundo.

Mas eu vou ter que estar atente a tudo agora? Tudo tem algo ruim? Lembre-se de que pessoas fora do dito padrão estão em constante estado de atenção pela sobrevivência, mesmo que de modo inconsciente. Rompa com as ausências.

Uma pessoa com deficiência precisa estar atenta para não sofrer violências, uma mulher com deficiência precisa estar duplamente atenta, uma mulher negra com deficiência precisa estar triplamente atenta, uma trans, gorda, com deficiência precisa estar... São camadas e camadas de atenção.

Por fim, o exercício de compreender a vivência do outro, reconhecendo espaços de conforto – espaços que comumente são confortáveis para você, mas para outros não, pois há ausências ali que denunciam isso. É um compromisso social com uma sociedade que pode

ser construída para todas as pessoas. Para fazer esse exercício e crescermos socialmente de forma inclusiva, o caminho é cada vez mais entender as vivências diversas que compõem a sociedade. Para isso, se você, leitor, chegou até aqui, esse já foi um avanço! Mesmo que pequeno, são nessas micro-ações, micropolíticas que, alastrando-as, se fazem grandes! Mas vamos pensar em algumas perguntas:

Quantas pessoas com def. estão em seu círculo de relações? Então busque permitir, sem preconceitos, inconscientes ou conscientes e se relacione com PcDs; ouçam pessoas com def. em especial comprometidas socialmente, entenda a história desse movimento. Converse com PcDs que cometem auto-capacitismos e se inferiorizam e os questione; Não homogenize PcDs; PcDs, assim como outras minorias, merecem a empatia de serem consideradas pessoas, logo, seres em sua total diversidade e plena capacidade de rever pensamentos e lançar questionamentos ao mundo.

E seus ídolos do esporte, do teatro, de filmes, artes, quantas são pessoas com def.? Garrincha é um nome hein? Nem precisa pensar muito. Quantas pessoas com def. você acompanha nas redes sociais? O hábito de acompanhar o dia a dia de corpos políticos não-normativos rompe com preconceitos e valoriza a fala dessas pessoas que são estruturalmente silenciadas, interrompidas.

Abaixo uma lista de artistas, humoristas e ativistas do movimento PcD que vocês podem acompanhar:

Stella Young

Stella Young é uma humorista com def. nascida em 1982, que faleceu em 2014. Além do talento com o humor, Stella era atenta às questões das pessoas com def., e trazia em suas entrevistas e falas importantes reflexões sobre o recorte de gênero:

“As pessoas com deficiência, e em particular aquelas com corpos não normativos, são rotineiramente dessexualizadas, degeneradas e infantilizadas. A identidade sexual e até a identidade de gênero tornam-se secundárias à nossa identidade corporal... Mas vendo uma reflexão da minha nudez aparece regularmente no meu feed do Facebook, com apenas um aviso NSFW em vista serviu como um lembrete de que meu corpo não é considerado sexual, não importa o que eu faça com ele”.

As palavras de Stella refletem a ideia de que a sexualidade e a beleza física são frequentemente negligenciadas quando se trata de Pessoas com Deficiências. E nós não vemos pessoas com deficiências vestidas de forma sexy ou se engajando em atos sexuais na mídia. Então, quando uma imagem como Maddy aparece no feed de alguém do Facebook, eles são confrontados. Eles querem que ela cubra e diminua o tom. Enquanto Maddy está aumentando as expectativas sobre o que as pessoas com deficiência podem fazer (sim, podemos modelar!), ainda há um equívoco de que não exibimos nossos corpos, expressamos nossa sexualidade ou fazemos sexo¹.

1 Saiba mais no artigo: “My body is not considered sexual, no matter what I do with it.”, escrito por Stella. Ou acesse o TED: “Eu não sou sua inspiração, muito obrigada”, de Stella Young

Nishi Goyal

Nidhi Goyal, nascida em 1985, é uma comediante indiana que possui def. visual. Em seus textos e apresentações tem o foco no recorte de gênero, relacionamentos e sexualidade.

“Tudo o que você ouve e ri é baseado em um incidente pessoal, um pedaço da minha vida ou dos meus amigos. Como ativista, interajo com muitas pessoas com deficiência. Então o cenário é uma colagem da minha história e da deles.”

“Eu sei que as pessoas ficam desconfortáveis no minuto em que subo no palco”, diz Nidhi.

“É como, ‘Oh, merda, ela é cega? Ela é cega! O que ela está fazendo aqui? E se ela precisar de ajuda?’ E isso explica o primeiro instinto de todos em relação à deficiência. Não é nem pena, é desconforto. ‘Não sabemos o que fazer com essas pessoas.’ ‘Não sabemos e não queremos saber’. É uma pena que o ônus seja sempre da pessoa com deficiência fazer o outro se sentir confortável.”

— Trecho de uma entrevista para a Hindustantimes.

Rosie Jones

Rosie Jones, nascida em 1990 na Inglaterra, é atriz, roteirista e humorista premiada, que buscou por maior representatividade nos palcos. Ela foi uma das roteiristas da série de sucesso “Sex Education”, da Netflix.

“Eu cresci em uma família nutritiva. Passávamos todas as noites à mesa de jantar, fazendo-nos rir, por isso sempre aprendia a importância do humor. Mas nunca em um milhão de anos eu esperava me tornar uma comediante de stand-up.

Só quando comecei a trabalhar na TV, atrás das câmeras, percebi que havia pouquíssimos comediantes deficientes. No começo fiquei com raiva, mas depois percebi que tinha um ponto de vista único, que era ouvido na comédia. Eu queria que minha história fosse ouvida.”

“Sempre que encontro alguém que parece um pouco desconfortável com a minha deficiência, faço uma piada e isso instantaneamente torna as coisas muito menos estranhas.” — Trechos de sua entrevista para o Disability Horizons.

Danielle Perez

Danielle Perez ou Diva de Lux, nascida nos EUA, é atriz, escritora e humorista. Participou da segunda temporada da série “Special”, da Netflix, escrita e estrelada por Ryan O’Connell, também ator e escritor, que tem sido voz importante nos movimentos LGBTQIAPN+ e das Pessoas com deficiência dos EUA.

“A maioria dos locais de stand-up em Los Angeles não são acessíveis para eu me apresentar. O stand-up em Los Angeles exige que eu rasteje no chão para ser levantado dentro e fora do palco, para entrar por becos e não ter acesso a salas verdes, onde os colegas quadrinhos se reúnem e conversam, se conectam uns com os outros, e mais. Não é justo que eu perca isso... Você pode ter um milhão de programas de diversidade e dizer: ‘Oh, estamos fazendo um meet and greet, vamos conhecer atores e talentos’, mas até que você esteja legitimamente comprometido com isso, nada vai acontecer”. — Trechos da entrevista para Refinery 29.

Hawk Andrade

Hawk Andrade ou apenas Hawk, @Hawk.jpg, nascido no Brasil, ele fica fora do eixo de produção audiovisual sudestina, mas ainda assim alcança diversas pessoas em seu instagram com seu humor ácido, envolvendo temas do seu cotidiano e respondendo perguntas dos seguidores, sempre com uma pitada de anticapacitismo e antirracismo. Hawk se descreve como sobrevivente. Ele criou o Pixday, uma forma de seus seguidores contribuírem com o conteúdo que recebem – ou seja, quem mantém seu trabalho são seus seguidores.

“No começo dos meus vídeos no Youtube eu nem aparecia. Esse era o nível de quanto eu tinha problemas com a minha própria imagem. Mas deixei para fazer quando estava preparado. Foi um processo. Quando eu me senti bem, quando senti: Ok, posso fazer isso, eu fiz. Eu acho importante no sentido de que corpos como o meu não existem, apesar de sermos a maior minoria no mundo, eles não são vistos e não ocupam espaço em nenhum lugar de destaque. Então, eu faço também porque eu sinto que eu tenho a oportunidade de fazer, é maior do que eu, maior do que as minhas questões pessoais. Eu sinto que é necessário que eu faça isso, já que eu tenho essa voz. São coisas que eu digo que eu faço ‘pela empresa’ (risos)”

“Eu, enquanto pessoa na internet, recebo elogios, mas eu sei que se eu sair na rua, os olhares não são de elogio, de desejo, de nada.” — Trechos de entrevista para o site Mundo Negro.

Cleber Tolini

Cleber, nascido em 1980 no Brasil, é ator e humorista. Participou da novela “Todas as Flores”, pela Globoplay. É o responsável pelo texto e pela peça “O Subnormal – Uma História de Baixa Visão”. Onde conta um pouco da sua história de forma bem humorada e ironiza o termo subnormal, assim como concepções de normalidade.

“No começo nem eu entendia o que eu tinha. Não enxergava bem, mas não era cego. Precisava de auxílio para uma série de coisas, me deslocar em cena, ajuda para decorar texto, mais atenção na rua, etc. Sempre ouvia: “mas não parece”. Então, de uma maneira intuitiva, e até mesmo solitária, fui me entendendo e me adequando, porém, nunca negando a ninguém, e muito menos a mim, a minha condição.” — Trecho da entrevista para a revista Quem.

Paulo Fabião

Paulo, nascido em 1991, Brasil. É jornalista, escritor e humorista, abordando questões anti capacitistas por meio de causos de seu cotidiano. Possui longa carreira em shows Stand Up e no ativismo das Pessoas com Def.

“Ser pessoa com deficiência não torna automaticamente ninguém especialista ou apto para falar sobre a pauta! Só a sua vivência individual não basta pra falar de uma pauta coletiva!” — Paulo Fabião em suas redes sociais.

Pequena Lo

Pequena Lo, ou Lorrane Silva, nascida em 1996, no Brasil, formada em psicologia, é humorista e influenciadora digital.

“Como na Paralimpíada, todo mundo trata atletas com dó, mesmo eles tendo um talento gigantesco. Aham que ter dó, pena, vai fazer com que a pessoa se sinta amada, mas não é dessa forma... Ainda tem muita falta de inclusão na internet, a começar por vídeos de pessoas com deficiência que não viralizam tanto, mesmo tendo qualidade.” — Trecho da entrevista dada para a CNN Brasil.

Marcos Vinni

Marcos, nascido no Brasil, é ator, formado em letras Libras e humorista surdo. Em seu Instagram é possível acompanhar diversos vídeos onde com bom humor encena situações do seu cotidiano, abordando eixos anticapacitistas e antirracistas essenciais.

“Quantas vezes nos sentimos esquecidos diante das barreiras que enfrentamos diariamente? Queremos estabelecimentos que nos respeitem, que ofereçam acessibilidade para participarmos de tudo.” — Questionamento feito em vídeo no seu perfil do Instagram sobre a falta de acessibilidade para com uma criança surda de 4 anos, Bruno, no Parque Beto Carreiro.

Kitana Dreams

Kitana é uma Drag Queen interpretada por Leonardo Brannonot, nasceu em 1980, no Brasil. É maquiadora e digital influencer. Nas suas playlists: “Programa da Kitana”, “babados e fofocas”, “Kitana Responde” e “vlog quarentena”. Usa do humor para abordar questões que envolvem a comunidade surda, pessoas com deficiência e a comunidade LGBTQIAPN+. Todo o conteúdo está em LIBRAS.

“Meu sonho é que as pessoas vejam a Kitana como uma referência de artista surda, Drag Queen, LGBTQIA+ e plus size. Que outras pessoas surdes possam ser e expressar-se como se sentem bem e realizadas. Além disso, que sejamos de fato incluídas em todos os espaços” — Trecho de entrevista para o Instituto Claro.

Acima, o foco foram pessoas que trabalham de algum modo com humor. Daqui para frente, listamos alguns artistas que não necessariamente usam do humor, mas são nomes importantes na trajetória da luta PcD no Brasil, e que habitam os palcos em uma exposição de suas corpos/corpos/corpes políticas, onde, em sua trajetória artística, abriram espaço para que outras PcDs pudessem habitar outros diversos tipos de palcos, trazendo questionamentos e criando estratégias importantes de luta pelo acesso de todes à arte e lazer.

Amanda Soares

Amanda Soares, ou @arteamare, é escritora, multiartista e professora. Tem sido amplitude de voz jovem de mulheres com deficiência na internet. Levantando questões sobre gênero e relacionamentos afetivos.

“ A maioria das pessoas tem como referências os relacionamentos com PcDs que passam na TV...Quando as coisas ficam sérias, profundas, ou longas a possibilidade do relacionamento acabar é grande. Um dos maiores medos é ao se relacionar assumir a responsabilidade como se fosse o provedor da vida da pessoa. Meu pai não me educou para ter alguém me educou para eu ter o mundo! Obviamente ninguém vive sozinha mas relacionamento amoroso não salva PcDs”.

Mona Rikumbi

Mona Rikumbi ou Érica Andrea Martins, nascida em 1951, Brasil, foi a primeira mulher negra com def. que se apresentou no Teatro Municipal de São Paulo. Ela conecta a dança de terreiro, as artes cênicas e a luta anticapacitista e antirracista em suas ações.

“Eu nunca tinha visto uma bailarina na cadeira de rodas, nunca tinha visto ninguém numa cadeira de rodas numa roda de candomblé, capoeira ou de jongo”. — Trechos de entrevista ao site Nós Mulheres da Periferia.

Tania Granussi

Tania Granussi, nascida em 1971, no Brasil. Atriz, professora e diretora teatral, formada na UNICAMP, é ativista no movimento Trans e das PcD, fundadora do Coletivo Há-Manas. Por anos atuou no Programa Vocacional, programa de iniciação artística da cidade de São Paulo, onde abre caminhos e luta por maior protagonismo entre artistas da cidade. Entre os seus trabalhos está o filme Febre do Rato do diretor Claudio Assis

“E esse lugar é um lugar de constrangimentos permanentes, porque você precisa LEMBRAR A TODOS A TODO MOMENTO, que você é uma pessoa com deficiência, não porque você tenha restrições, mas para que as portas do sistema organizacional lhe deixe entrar. Afinal, também merecemos condições mínimas de qualidade de trabalho, e queremos compor a equipe. Outro exemplo desta normatização da deficiência, são os encontros virtuais. Se eu proponho um trabalho remoto, como tecnologia assistiva quando a equipe tem uma pessoa cega, é óbvio que a condução da reunião tem que absorver essa presença. Você faz a sua audiodescrição a cada encontro, você evita a todo custo comunicar-se por frases escritas no chat, porque excluirá essa pessoa da comunicação. Faça um pequeno esforço de empatia e coloque-se neste lugar. Este lugar exige que você provoque um aprendizado permanente. Isso tem suas limitações, e às vezes cansa porque lhe transforma numa chata ‘Lá vem a Tânia, mais uma vez...’ ”. — Trecho de entrevista de Tania Granussi ao Espaço Cultural Cita.

Carolina Teixeira

Carolina é artista e pesquisadora, nascida no Brasil. Defendeu a tese: “A estética da experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos”. É doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Atuou como bailarina e diretora junto à Roda Viva Cia. de Dança em Natal-RN. E é autora do livro “Deficiência em Cena” lançado em 2011.

“Nós pessoas com deficiência e em especial mulheres, somos verdadeiras sobreviventes em um campo ainda marginalizado pelos territórios ‘elegidos’ da arte, sobretudo pela dificuldade que o país ainda preserva por uma incapacidade de aprofundamento acerca da pesquisa e do projeto estético transsignificador que envolve a criação artística e a Deficiência, lugar que em minha práxis artística foi, é, e sempre será terreno de conhecimento, apropriação e enfrentamento” — Trecho de entrevista para o site Potiguar Notícias.

Estela Lapponi

Estela, nascida em 1973, no Brasil. É performer e vídeo artista, onde pesquisa as encruzilhadas que acometem os corpos com deficiência em cena. É autora do conceito de “Corpo Intruso”, gestora e fundadora do espaço “Casa de Zuleika”. Atua com uma reflexão profunda contestando os espaços de arte e a lógica segregacionista que divide Pessoas sem Deficiência em espaços de arte/lazer e Pessoas com Deficiência apenas nos espaços ditos “inclusivos”. Questionando a apropriação do termo inclusão por muitos eventos e projetos sem de fato haver acesso e garantia de permanência para todes e em todos os lugares.

“São corpos que ainda incomodam o público...Descobri que poderia ser do jeito que eu era, sem me esconder. Mas descobrir onde se colocar não foi (nem é) fácil. É deficiente demais para os padrões normativos da dança e deficiente de menos para ideias pré concebidas sobre Pessoa com Deficiência. Minha imagem não correspondia a nenhum dos padrões”. — Trecho da entrevista para a Folha de São Paulo.

Jessika Teixeira

Jessika, nascida em 1993, no Brasil. É atriz e diretora, trabalha também com iluminação de teatro. Tem formação em Teatro e é Mestre em Artes pela UFC. Sua pesquisa levanta diversas questões que atravessam a estrutura capacitista, como os conceitos de estranho, belo e acesso.

“Será mesmo que tem pessoas que se acostumaram ao próprio corpo e que não o estranham de maneira nenhuma? Quando eu falo desse “estranho”, existe um conceito de teatro, do Brecht [Bertolt Brecht (1898-1956) dramaturgo alemão] em que ele fala sobre esse estranhamento. Ele está aqui falando de uma cena de opressão, por exemplo, e a pessoa se emociona. Então ele para e diz: “Vamos tirar um pouco de emoção disso e vamos refletir sobre esse assunto?”. Essa atitude de parar e pensar faz a gente se movimentar, mudar, transformar algo. Não adianta estarmos só chorando ou rindo, o estranhamento tem muito isso. Quando eu estranho uma coisa, tomo consciência daquilo e decido fazer algo. Acho que esse corpo, quando toma consciência de si, não só toma consciência dele, mas vem com um plus de eu poder escolher como eu opero com ele no mundo.” — Trecho de entrevista ao Diário do Nordeste.

Nayara Rodrigues

Nayara, ou Nayuda. Nascida em 1990, no Brasil. É arte educadora, MC, é poeta Surda, Mãe e ativista nos movimentos PcD e Negro. Integra o Slam do Corpo, atua em diversos saraus pela cidade de São Paulo. É co-fundadora do coletivo RamariaS de contação de história. e do gRUPO êBA!. Foi Integrante da comunicação do Programa Vocacional 2022, programa de iniciação artística da cidade de São Paulo e fez história ao instaurar com equipe, uma comunicação bilíngue português-libras, vista pela primeira vez em um Programa da SMC. Publicou junto a outras pesquisadoras o artigo: “Que corpo é esse? Literatura negra surda, interseccionalidades e violências”, pela UESB.

“Às vezes, eu me esforço para fazer leitura labial, mas é muito difícil. Normalmente as pessoas falam bem rápido em vídeos e não consigo entender nada. Se fosse mais acessível, esse seria um tipo de mídia muito interessante, pois me daria acesso à informação. Sou muito curiosa! Adoro pesquisar e aprender coisas novas.” — Trecho de entrevista para o site MWPT.

Lua Cavalcante

Lua Cavalcante, 1996, do Brasil. É artista visual, performer e pedagoga. Sua pesquisa passa pela pedagogia grão, investigações de seu corpo def. e poética do aleijo, trazendo uma reapropriação do termo aleijado.

“Eu sou mulher com deficiência, e dentro da minha caminhada eu entendi que deveria falar sobre esse meu corpo com deficiência. Eu deveria usar a minha arte como um ato, inclusive, político, em relação a mostrar o meu corpo como eu quero que ele seja visto”.
— Trecho de entrevista para a rádio EBC.

Edu. O.

Edu. O. é artista, performer, professor na escola de dança da UFBA, e mestre pela Universidade Católica do Salvador. É diretor do Grupo X e co-fundador Coletivo Carrinho de Mão. É frente de destaque na luta PcD ao levantar conceitos importantes como a Bipedia. O seu vídeo Carta aos Bípedes viralizou após ser compartilhado pelo ator Lázaro Ramos.

“Carta aos bípedes: você talvez não se dê conta, mas você é bípede. Sim, se você não possui nenhuma deficiência e é parte da categoria de pessoas construídas dentro de padrões normativos de corpo que consideram as experiências da deficiência como patologia, se nos olha com sentimento de pena, compaixão... você é bípede.(...) Se a sua inclusão quiser nos colocar nos cercadinhos específicos que mais excluem, sim, você é bípede.Experiência vivida não se apaga. Ninguém fala por ninguém, mas podemos compreender o universo do outro e tentar criar junto com ele.

Se já havia passado da hora da mudança, não será este o momento para transformarmos nossos hábitos de consumo, romper padrões que criamos, repetimos e nos determinam o que é belo, o que é produtivo e capaz? Quando sairmos desse isolamento que vocês, bípedes, estão experimentando pela primeira vez, mas que para nós – pessoas com deficiência – é uma condição imposta pela falta de acessibilidade e oportunidades, o que vai importar? Quais vidas importam? Umás mais outras menos? A experiência da deficiência é um porvir constante, se não por alguma surpresa do destino, pela própria vida. Sim, quando envelhecemos é porque nos mantemos vivos e o envelhecimento é companheiro da deficiência. Se você tem problemas com a velhice, não seria esse também o momento de pensá-la como vida?” — Trecho de “Carta aos Bípedes”, de Edu.O., publicado no site Frrrkguys.

Edinho Santos

Edinho nasceu em 1986, no Brasil. É poeta negro surdo, atua como pedagogo, produtor, educador e ator. É ativista do movimento surdo e negro. Já organizou eventos importantes como Vibramão, Sencity do MAM-SP. Integra também o SLAM de Surdes.

“Primeiramente as pessoas olham para sua pele, vão ver que sou preto, depois vem o contato. No metrô, por exemplo, a pessoa me olha e fala ‘pô, você está atrapalhando, você é um zoado’, ela não sabe que sou surdo, mas já vê [minha cor]”. E continua: “Então eu prefiro falar negro surdo, porque é como me veem primeiro. Estou criando a minha arte também para falar da comunidade surda, para que eles vejam, para que eles [ouvintes] entendam.” — Trecho da entrevista para Agência Mural.

Estefani P. Rodrigues

Estefani ou @tis_teh, nascida em 1995, no Brasil. É artista visual e educadora, co-fundadora do coletivo feminista Roda das Minas, em São Paulo, que contribui para inserir no ambiente acadêmico questões classe e gênero, através de pesquisas e conversas. É autora do artigo “Pandemia X Arte e Feminismo”, publicado na PDI. Participou de diversas exposições coletivas. Pesquisa sobre espaço social e arquitetônico, sob ótica do feminismo e de mulher com deficiência, por meio da pintura e video arte.

“Ser mulher com deficiência implica criar estratégias para lutar pelo direito de estar viva e ser respeitada, pois assim como o capacitismo, o machismo está inserido em todos os âmbitos da sociedade”.

Glauce Teixeira

Glauce, nascida em 1979, no Brasil. É atriz, formada em Direito e Teatro, possui baixa visão e leve perda de audição devido ao avanço da Síndrome de Usher. Movimentou a comunidade PcD, atuando no CMSP, para maior acesso de PcDs em editais de cultura e outros programas da Secretaria Municipal de São Paulo.

“Nas minhas pesquisas eu assisti um vídeo do escritor e poeta Glauco Mattoso. Neste vídeo, o escritor comenta sobre o preconceito com Pessoas com Deficiência. Ele disse assim: ‘Eu sofri mais preconceito enquanto Pessoa com Deficiência do que como um gay’. E, de fato, existe muita dificuldade em ser uma Pessoa com Deficiência. Por exemplo, a maioria das cidades grandes não estão preparadas para os surdocegos. Falta a audiodescrição para deficientes visuais, nem todas as pessoas sabem LIBRAS e é muito difícil conseguir um guia intérprete para eventos, por exemplo. As pessoas surdocegas deveriam ter uma boa qualidade de vida, ter autonomia e segurança. Eu quero muito lutar pela acessibilidade, essa vai ser minha bandeira, é uma briga que eu tenho que enfrentar... é uma questão de inclusão social.” — Trecho de entrevista para o site Síndrome de Usher Brasil.

Não podemos esquecer des artistas com def.
que compõem o projeto comédia sentada:

Andressa Samantha

Andressa, nascida em 1997, é mulher, lésbica, autista e possui TDAH, integra o coletivo autista da UNESP e o conselho de representantes Discentes Autistas das Universidades Estaduais Paulistas. Filha ouvinte de pais surdos, é trompetista e se dedica a ações educativas acessíveis através do projeto Música para Todos Unesp.

Manoella Back

Manoella, nascida em 1992, no Brasil. É atriz e jornalista, atuante no movimento das PcD, integra o Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência. Tem pós-graduação em Direitos Humanos e é especialista em Cultura e Literatura. Escreveu em conjunto com outras PcDs o artigo “Teleton, O Templo do Capacitismo”, para o portal Catarinas, levantando a discussão sobre o quão perigoso é a manutenção dos discursos trazidos pelo programa que inclusive já foi extinto em diversos países. Alguns PcDs podem acreditar que o programa pode ser um espaço de desconstrução, mas o texto traz o quão ingênuo pode ser esse pensamento, quando tomamos consciência da emissora no qual é veiculado, e por ser um programa ainda feito para e não com pessoas com def. Ainda assim, um único programa onde se vê PcDs, no ano todo.

“Porém, o que aconteceu neste ano foi a manipulação das imagens de ativistas deficias de redes sociais, a fim de reforçarem a mensagem de que ‘Agora eles estão querendo mudar o discurso’. O chamado pareceu prometer o que não pôde cumprir, e algumas pessoas se deixaram levar acreditando que poderiam promover mudanças culturais, como se fosse possível um shopping center

– templo do capitalismo – deixar de ser o que é porque em um determinado dia nos convidou para falarmos sobre como sermos anticapitalistas. Se a intenção era, em termos de mídia, tornar-se anticapacitista, deveríamos começar pelo fim do Teleton e nos engajarmos em outros espaços para que as discussões protagonizadas pelas próprias pessoas com deficiência tenham verdadeira visibilidade. Assim, talvez utopicamente, poderíamos promover uma mobilização para mudanças políticas efetivas, não mais reforçando princípios caritativos que nos inferiorizam e mantêm a lógica excludente do capacitismo. — Trecho do artigo: “Teleton, O templo do Capacitismo”, para o portal Catarinas.

Importante ressaltar que não cabe julgar quem optou por aceitar do Programa Teleton uma proposta de trabalho, já que PcDs são estatisticamente colocados em posições de informalidade trabalhista, ou os que estão na formalidade vivem com salários menores, pois majoritariamente PcDs não alcançam vagas de liderança, logo, não alcançam maiores salários. Mas cabe uma reflexão, das PcDs e das PsDs, sobre o que o Teleton fomenta e perpetua e como poderíamos usar outros meios para disseminar de fato a cultura PcD e a cultura do acesso. O Teleton é só um exemplo de espaço que tem acessibilidade e protagonismo “para inglês ver”, o famoso Tokenismo, na realidade isso ocorre em diversos espaços.

Marião Pirata

Mario Matos, ou Marião Pirata, nascido em 1961. É músico, comediante, paradesportista e PcD. É o grande Mc do Comédia Sentada, descobriu no riso um meio de resistência e de seguir vivo.

Paloma Barbosa

Paloma, ou Partes, nascida em 1993. Paloma é formada em Artes Visuais. Ilustradora e quadrinista, além de ser técnica em Comunicação Visual. Não habita os palcos com a sua corpa, mas sim com as suas ilustrações, trazendo representatividade. Desde 2015 assina seus trabalhos como Partes, explorando por meio de desenho, a imagem de mulheres diversas, contemplando também nas suas ilustrações a sua vivência como mulher negra com deficiência. Já expôs no Memorial da Inclusão, hoje museu, e teve sua exposição individual no Espaço Cultural Cita, chamada: “Estamos Aqui”. São dela as ilustrações cuidadosamente feitas para este livro.

Além do elenco PcD todo envolvido no Comédia sentada e essa aqui, quem escreve este livro com expectativa de trazer maior nitidez justamente para a frase: ESTAMOS AQUI! Não são especialistas que devem falar por nós, afinal, nada sobre nós sem nós! É preciso que reconheçam com seriedade as pessoas com deficiência que possuem trajetória de luta e responsabilidade social com a cultura do acesso e podem falar de diversos temas e vivências de modo tão competente ou mais que PsD (Pessoas sem deficiência).

Demais nomes de artistas com def. como Antonio Herci, nascido em 1970, dramaturgo, compositor;

Marcos Abranches, 1977, coreógrafo, bailarino e performer, QuiXote 07, músico ou, como o mesmo diz: “artista de rua, metrô, de onde pode tocar, e onde não pode também”; entre outres você poderá conferir em um mapeamento digital do site do projeto Comédia Sentada, que buscará se atualizar constantemente.



Essas são apenas algumas PcD que estão em suas pesquisas e ações lutando e contribuindo por uma sociedade mais inclusiva. Estão presentes em seu tempo plenamente capazes de falar sobre uma gama de assuntos diversos.

ESTA-
MOS
AQUI

NADA SOBRE
NÓS SEM NÓS





POSFÁCIO

Superação é coisa

de Bípede capitalista

O lema Nada Sobre Nós sem Nós foi formalizado em 1993, quando o autor James Charlot escreveu o livro “Nada sobre Nós sem Nós”. Esse foi o primeiro livro a trazer um panorama teórico e social sobre as Pessoas com Deficiência, encruzilhando as semelhanças e diferenças entre o racismo, sexismo e colonialismo. E no mesmo livro o autor revela que soube do lema enquanto esteve na África do Sul.

Também William Rowland, em 1986 escreveu um artigo chamado, “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS: algumas reflexões sobre o movimento das pessoas com deficiência na África do Sul”, onde relata que, em 1981, o governo da África do Sul negou o reconhecimento do ano de 1981 como o ano das Pessoas com Deficiência. Mesmo sob protestos, o governo declarou como “O ano das pessoas **deficientes** da África do Sul”. Isso gerou um levante na conferência nacional formada pelas lideranças PcDs, que se retiraram e deram início a um movimento com mais de 10 mil pessoas com deficiência, lutando contra o silenciamento, pedindo: **Nada Sobre Nós Sem Nós**. Phindi Mavuso, líder do movimento, realizou a leitura de um documento chamado “catálogo de injustiças”, reunindo situações de dupla discriminação que gerava a situação do Apartheid e das deficiências.

Diversas pessoas adquiriram def. durante o Apartheid, assim como aqui no Brasil o movimento tem um levante após os conflitos de ditadura.

Conflitos geram def., e, curiosamente, somente após as pessoas adquirirem def. na Segunda Guerra Mundial que o movimento de PcD passa a crescer.

Historicamente foi preciso que Pessoas sem Deficiência que tinham pleno acesso, passassem para uma condição de restrição e assim a população geral passou a reconhecer que sim, todes devem ter acesso.

Além da leitura do “Catálogo de Injustiças”, as lideranças focaram em duas movimentações:

Um processo de letramento social para mobilizar as pessoas com deficiência para reivindicação de seus direitos.

E, junto a isso, colocaram em questão a vinculação de saúde com a deficiência, defendendo que **a questão da deficiência diz mais respeito a direitos humanos e de desenvolvimento social do que apenas sobre modelos de entendimento médico.**

“Não deveriam controlar nossa vida, os métodos pacifistas de luta serviriam melhor à nossa causa e nós deveríamos nos alinhar com o movimento de libertação. Nós nos conscientizamos e adotamos o nosso lema: “NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS” — Trecho do artigo de William Rowland, “Nada Sobre Nós Sem Nós”.

É importante sabermos de onde vem os lemas que adotamos e que movimentam nossas vozes, isso é o que chamamos de **ANCESTRALIDADE DEF.**

Apesar de hoje não termos tanta união entre os movimentos sociais aqui no Brasil, afinal, pouquíssimos movimentos feministas incluem mulheres com deficiência, por isso o **Coletivo Feminista Helen Keller** nasceu. Pouquíssimos movimentos negros

falam ou agregam pretos com def., por isso vemos o **Vidas Negras com Deficiência Importam e o Quilombo PcD**, mas podemos ver na história do lema Nada Sobre Nós sem Nós e no documentário CripCamp, com toda a luta sobre a Seção 504 da lei de reabilitação norte americana, que é possível mais e mais apoio entre os movimentos sociais e se faz importante a lembrança: nosso maior inimigo é a hegemonia e o fascismo.

Interessante seria se, no contexto Brasil, aprendêssemos, enquanto sociedade, um pouco mais com movimento citado acima des aliades e PcDs da África do Sul, em especial sobre a valorização do processo de letramento e aprendizado entre os movimentos sociais e entre a população em geral, construído pelos protagonistas de suas falas.

Lugares de aprendizado, inconclusões e fronteiras

Não à toa os governos que flertam com fascismo corram primeiramente os fundos e investimentos em educação, pois o acesso a informação, a práticas que fomentam o pensamento crítico e alimentam trocas de processos e experiências, são a base para que todos possam compreender melhor as lutas de cada movimento social. Que possamos valorizar professores, educadores, artistas, historiadores, cientistas, todos esses profissionais que movimentam questionamentos com fundamentos da nossa história. É importante não darmos espaço para a Bipedia. É importante estudarmos a oposição que nos violenta: a hegemonia e o fascismo. Podemos considerá-los as sementes de todo tipo de preconceito.

“Sabemos que é muito difícil desconstruir e destruir estruturas tão fixas assim. O pensamento bípede é da nossa estrutura social, molda e limita a compreensão de corpo e de mundo que anula qualquer

experiência fora do que é considerado normal. Essa normalidade não existe, bípede". — Um trecho da Carta aos Bípedes, Edu. O., que considero particularmente importante para integrar esse final de livro.

Bipedia, esse termo que Edu. O. nos apresenta como a categoria de *modus operandi* de pensar que subjuga pessoas com def. e que fazem questão de nos colocar em lugares de constrangimento, segregação e exclusão.

Ninguém está livre de cometer bipedia/capacitismo, ou reproduzir outras formas de opressão, por isso é preciso exercitar cotidianamente um estado de presença, de atenção, para uma educação não violenta e de mais empatia e respeito com os nossos.

"É no respeito às diferenças entre mim e eles, ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas.... O sujeito que se abre para o mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história..." — Paulo Freire em "Pedagogia da autonomia".

Nesse exercício de nos reconhecermos em nossas inconclusões, como Freire comenta, é que nos abrimos para o outro e suas vivências, é o início da construção do caminho para o respeito e a quebra de processos discriminatórios. Nosso estado de inconclusão perante ao movimento da vida, é um dos fatores que nos torna humanos.

Reconhecer nossa inconclusão, é habitar também espaços de fronteira, do desconhecido; é reconhecer que não sabemos sobre determinada situação, sobre algo ou alguém, é colocar-se em estado de aprendizado.

O pedagogo Parmeggiani traz uma definição dessa fronteira:

“Fronteira, no fundo, é um limite que separa o conhecido do desconhecido, e habitar a fronteira como espaço do desconhecido sempre nos causa medo. Sobretudo quando este desconhecido assume a forma do outro”. — Parmeggiani em “Desabilidade”.

Abriu-se para a diversidade pode causar certos desconfortos, mas esses são especificamente o resultado do ato de reconhecer, antes de mais nada, os seus lugares de conforto, aqueles que você se sente confortável, mas outros não.

Todos temos nossos lugares de fronteira e incertezas para perambular, lugares de encruzilhadas e possibilidades. Talvez seja por isso que Luiz Rufino Rodrigues Junior traz à luz uma “Pedagogia das Encruzilhadas” evocando Exu, como:

“Elemento que assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma de pedagogia. Exu emerge como disponibilidade conceitual para pensar a radicalidade dos seres, suas cognições e subjetividades, a partir de outros referenciais transgredindo a noção simplista do fazer pedagógico como um mero modelo metodológico”. — Trecho do artigo: “Pedagogia das Encruzilhadas”, de Luiz Rufino Rodrigues, para a revista Periferia, em 2018.

Não há método certo e definitivo, dica, cartilha para esse processo de letramento e compreensão com o outro, pois estamos em constante movimento e aprendizado, mas há de se ter abertura para não temer esses lugares desconhecidos de conversa e diálogo. Há de se ter abertura para costurarmos um bordado grande e variado, com diversos pontos, mas com a consciência de que estamos ligados por um tecido comum. Se eu puxo muito, eu atrapalho o

ponto que o outro está dando, se eu puxo um fio muito longo posso furar uma aliada/aliado ao lado com a agulha. Quais suturas podemos fazer com essa diversidade de pontos em nosso grande tecido de histórias?

Um tecido de histórias é nosso espaço comum e quanto mais diverso em pontos e cores, melhor ele fica.

Esse livro parte de uma diversidade de pontos e encontros, e dos desejos que movem desconstruções das fixas e planejadas estruturas que oprimem todos. É preciso seguir repensando lugares de conforto, revê-los, contestá-los, ceder esses espaços. Inclusive, é preciso não furar uma aliada com a agulha. Romper com a ideia capitalista, confortável com a independência, urge.

Quando pensamos inclusive em cuidado, pensamos em diálogo e responsabilidade. Há a necessidade hoje de pensarmos em criar mais pontes do que barreiras, em buscar costuras coletivas, afinal vivemos em coletivo. Você pode ter todo um novelo de fios emaranhados com as questões capacitistas e de violência estrutural que sofre; você tem esse novelo grande pois conseguiu identificar cada barreira sofrida e cada opressão. Porém, diante da sociedade, o que você fará com o novelo?

Você quer devolvê-lo, por isso você pode lançá-lo sobre o outro. Mas como lançá-lo? O que esse lançamento revela sobre você? Como reverter a situação para que seja menos dolorosa? Quem é o outro? É uma pessoa que pôde ter acesso a discursos que reconhece essas violências? É alguém que possui uma abertura para um processo de entendimento?

Há “n” questões que tornam complexo o ato de identificar opressões e como devolvemos a sociedade para não carregarmos mais feridas. Se faz necessária a reflexão sobre a busca de um

modo que não afete nossos limites, que não cause mais nós na garganta, afinal, se vamos cotidianamente ser feridas, como tornar menos dolorosas essas feridas? E menos repetitivas? Talvez seja importante lembrarmos das ações coletivas, pois quando atuamos em coletivo, quando reconhecemos os nossos, é possível pôr em prática estratégias de devoluções dessas violências, ou de desatar esses nós, estratégias capazes de criar mais pontes do que barreiras, a depender de quem é esse outro. O movimento social, além de apontar e cobrar dívidas históricas, também possui essa responsabilidade social e vide empatia com outros que podem também sofrer violências de outras estruturas que o padrão capitalista impõem. Será possível desenrolar esse fio, com cuidado, para talvez tecer alguma mudança formando aliadas/aliados? Façamos um exercício, a partir dessa fala do jornalista Manoel Soares:

“Eu não jogo a verdade na cara, a verdade na cara é pouco pedagógica para o branco, o ego branco é um ego de retina. Quando você virar para ele e esfregar na cara dele o nível de dor e de fragilidade que ele causa, isso não o comove. Ele nega, ele não se conscientiza, então o que eu faço hoje é acolher, é cuidar, seduzir.

Eu aprendi com o tempo que pra cada pessoa branca que eu conseguir convencer, conscientizar, eu estou protegendo 10, 20, 30 pretos que vão se relacionar com ele. Eu já tive na vida a consciência racial bélica, de que assim: para cada branco, uma bala. Eu já pensei isso porque as coisas que vivi na mão de pessoas brancas eram absurdas. Hoje eu entendo que os brancos devolvem o ódio com muita força, e eu, como negro, quando ataco uma pessoa branca, quando esfrego para uma pessoa branca a verdade na cara dele, eu estou provocando uma pessoa armada. Ele é armado de poder, armado de dinheiro...

É importante a gente entender a cabeça do nosso opressor porque se a gente não conseguir mapeá-lo, ele vai vencer sempre.

Então hoje eu estudo a psique do branco pra que eu possa acessá-lo de fato, numa energia de mudança” — Trecho da entrevista de Manoel Soares ao podcast “Quem Pode, Pod!”

Podemos trazer essa fala também para o contexto da vivência das Pessoa com Deficiência, que vivem o capacitismo estrutural desde que o mundo é mundo, desde as mais antigas civilizações. Lembremos de Esparta e o tratamento que davam a nascidos com deficiência: a morte. Lembremos da Lei das XII tábuas de Roma, onde o pai detinha o direito de matar um filhe que nascesse com alguma deformidade e também podia vendê-le como escravo. Há uma ojeriza, uma negação das corpas com def. Por mais que façamos parte da diversidade humana, as nossas características sempre foram demarcadas, onde nossa humanidade foi retirada de nós.

Esse trecho destacado não entra nesse texto como uma indicação para quem é feride por todas essas dores. Ter, ainda, que desenvolver a frieza consigo mesmo e acolher quem lhe fere. Mas sim como uma abertura para reflexão, sobre encontrar um equilíbrio para não sermos sempre ferides e para não estarmos sempre em estado de front de batalha. Na guerra há quem reveze o posto e para isso precisamos de aliades. Para permanencia nos lugares.

Entendo essa acolhida que Manoel traz, não no sentido literal, mas no sentido de estudar o não estudado, mapear o não mapeado. No sentido de tomar como oportunidade de pesquisa, para formular estratégias de autocuidado, e resistência. Isso pode abrir caminho para suturar feridas, dando espaço para criar estratégias que podem fortalecer o coletivo e o respeito com nossas corpas e vivências. Há possibilidade de abrimos espaço para identificarmos o núcleo de nossas feridas?

Em nosso tempo e limites, podemos analisar o que elas geram em nós e o que reverbera no coletivo: podemos reverberar violência, afinal, faz sentido, já que vivemos em violência. Mas podemos ainda reverberar ampliando o incômodo, esticando o novelo,

transformando-o em uma costura unida a outros fios, formando um bordado com quem possui feridas comuns.

Seria essa a estratégia para um tempo esticado, onde a costura pode passar por outras mãos e se transformar, rompendo talvez ciclos de perpetuação e reprodução de violências? Não há caminho certo, mas acredito que é importante essa abertura para refletir, acolher, pesquisar e principalmente compreender o cerne de toda a violência e opressão, para não nos colocarmos como “fronts” de um ciclo de violência que é estrutural e social. Estratégias para sobrevivermos melhor e permanecermos nos espaços.

Hoje, em 2023, há um ponto nesse mapeamento, pesquisa, que é facilitada por um lado, pois a violência de alguns discursos validados pela extrema direita e discursos anti-democráticos, tornam a identificação daqueles que não desenrolaram de modo algum esse novelo com a gente mais nítida. Numa situação com discurso supremacista, seria mais efetivo o arremesso desse novelo em chamas! Afinal, as ideias supremacistas não dão espaço para um diálogo¹.

Saibamos mapear e formar aliades. Com quem eu desenrolo?

Há de se pensar no lugar da educação, da formação social, do letramento da sociedade como um todo, sem personalizações e hierarquias de pautas. Mapear entender a história e identificar o cerne das discriminações em uma sociedade estruturalmente hegemônica, capacitista, gordofóbica LGBTQIAPN+ fóbica, racista, xenofóbica, machista é identificar o supremacista. Com esse, não há chance

1: Atenção, normatividade: isso não é posto no sentido literal. MATE O BRANCO DENTRO DE VOCÊ, é uma obra de 2019, da artista Bruna Kury. Em 2021, essa frase foi impressa em um espelho para a exposição Estamos aqui!. Um caderno da cor preta com a mesma frase serigrafada na capa era disponível para o público, com uma caneta ao lado. A montagem não era acessível, mas é importante perceber que a normatividade e branquitude que teve acesso a possibilidade de escrita no caderno reagiu com uma interpretação literal da frase, com escritas violentas e com suásticas desenhadas.

de desenrolar um novelo de nós na garganta. Indico fortemente a leitura dos artigos da antropóloga, cientista e pesquisadora Adriana Dias², grande ativista dos direitos das PcDs, integrando a Frente Nacional de Mulheres com Deficiência, referência nos estudos sobre grupos supremacistas brancos no Brasil.

O/A Supremacista nada mais é do que aquele/aquela que acredita piamente que é superior e diante de toda uma diversidade de pessoas, é quem justifica violências pois está tornando a sociedade mais forte. Afinal, “os mais fortes sobrevivem”. É quem ainda defende ideais nazistas, eugenistas, ideias de que há um padrão de pessoa e vivência mais forte, mais saudável, melhor que outras, que deve ser seguido; fora isso, é o doente, o pecador, o impuro, o não digno. É quem não tem espaço, não cabe mais a abertura para reconhecer-se como inconclusivo, afinal é o/a supremacista é temeroso nos lugares de fronteira e de aprendizado. O medo, a arrogância e o ódio é o que preenche o/a supremacista, que toma a si mesmo como régua do mundo.

É ainda por conta do medo da abertura à diversidade, que há ainda uma outra linha de pensamento, que seguem de certo modo a idéia de superioridade, mas buscando conservar o que dizem ser “o tradicional”, aquilo que não pode ser modificado, contestado e que deve ser dado como modelo estático. Logo, surgem as ações controladoras, que na verdade são postas em prática majoritariamente por outras pessoas controladas, que têm medo do que está em movimento: a vida.

Ordem e progresso.

E quem controla quem?

2: Adriana Dias faleceu em 30 de janeiro de 2023. Uma grande perda para o movimento.

Podemos pensar que há diversos exemplos, aqueles que não se abrem a diversidade são os que não conseguem trair o conservadorismo, o estático, pois não conseguem controlar o tamanho que a diversidade é, assim covardemente julgam e criam padrões: de gênero, de corpos, de religiosidade, de raça, de sexualidade. Para tudo deve-se ter um padrão, pois deve ser controlado.

Os/As supremacistas controlam tanto quem crê nesses ideais quanto quem não se enquadra nessas crenças, e estão em diversos espaços de poder, com diversos modos de discurso, dos mais sedutores, carregados de fake news, aos mais cheios de ódio explícito. Porém, as pessoas dissidentes (aos que divergem), não há só o controle a recair sobre elus, há o fator violência e morte. Quem se diz conservadore, não sabe ao certo o que quer conservar, por isso o processo de letramento é importante.

Hoje, temos mais formalizados padrões, fomentando discursos sem responsabilidade social, instituindo os padrões estéticos dos mais aptos, melhores, perfeitos. Assim de forma homogeneizada, para facilitar o comércio e os meios de produção. O que alimenta o/a supremacista e u conservadore, é o capital, alimentado ainda pelos pensamentos eugenistas.

Por isso é possível compreender que o capitalismo é coisa de bípede e vice-versa e é com isso que nos marcam com generalizações e padrões. Se você foge do padrão, você não está acolhido nessa sociedade, e mais: você será violentado. É importante ressaltar que todos estamos passíveis de sermos influenciados pela supremacia, fascismo, conservadorismo, pois estamos numa estrutura com bases colonizadoras e eugenistas. **Quanto mais perto de estar confortável nessa estrutura social, mais você pode flertar com essas práticas de não habitar fronteiras, de não ceder espaço.**

A história do movimento social das PcDs, por exemplo, tem uma explosão com as vozes de homens cisgêneros com def. nos

anos 60, que, só após a cobrança das Mulheres com def., em torno do final dos anos 70 e início dos anos 80, passam a reconhecer que houveram pautas ausentes até então no movimento. Como as pautas que dizem respeito ao cuidado, que não foram levadas em consideração por anos na luta. Foi preciso ceder espaço, foi preciso que homens com def. fossem (e continuem sendo) aliados de mulheres com def., de pessoas com def. que não sejam necessariamente homens cis, pois sempre há um espaço de conforto para cedermos, para darmos a outre que não necessariamente tem conforto nesses espaços. Homens com def. cis não estão livres de serem machistas.

Estar em coletivo colabora para que possamos “acolher” essas situações e mapear essas pessoas, controlades e controladores, pois há ainda a necessidade do bom e velho “trabalho de base”. Buscar aliades/aliadas/aliados ativando o coletivo para conseguirmos revezar a linha de frente, buscando mais diálogo e campos de aprendizado, do que generalizações, sabendo o foco do que deve ser abolido de nossas ideias e práticas.

Em coletivos mais fortalecidos, identificamos se há brecha e quando é possível abrir espaço para conversa. Desenrolando juntas, buscando pontos em comum, criando espaço para mudança, sem medo de habitarmos os lugares de fronteira e do inesperado. São nesses espaços, quando recebemos aquela resposta que nos tira do conforto do nosso discurso pronto, que avançamos em nossas estratégias, ampliamos repertório e resistimos juntas.

Acredito que estar juntas, reconhecer-se nos seus, ainda é a melhor estratégia de sobrevivência ou de tornar a vida menos dolorosa. E, por isso, encontrar no palco, ver os nossos e suas histórias, ver-se habitando o mundo sem imagens de sofrimento e poder rir juntas, já é espaço para a vida. Mas seguindo além, em uma luta anticapacitista, ainda cabe ao coletivo duas outras premissas a serem consideradas em movimentos sociais: a interdependência e o cuidado, já citados por aqui.

Afinal, como você cuida e permite ser cuidado?

Interdependência e ética do cuidado é uma responsabilidade coletiva e que deve ser reivindicada. Ela rompe com hierarquizações. Ilze Zirbel em “Uma Teoria Politico – Feminista do Cuidado”, sua tese de 2016, destaca que o cuidado passa por momentos de ações, passa por uma atitude de atenção, seguida de uma percepção, análise de necessidades e da uma tomada de decisões para que a melhor ação seja efetuada, sendo como ela diz: “Um jogo sutil de postura, de atitude, de experiência e de competência face ao outro em situação vulnerável”. Sem hierarquizar a existência daqueles que recebem o cuidado no momento. Passa também pelo momento de receber o cuidado, permitir-se estar nesse lugar.

Perceber que precisa de cuidado é também tomar consciência da interdependência e deixar as idéias de independência, que mais hierarquiza e controla para trás. O capital alimenta situações e ideais supremacistas que justificam os erros da estrutura capacitista. A interdependência e a ética do cuidado estão em diversas camadas, que afetam as estruturas familiares, afetivas, sexuais, profissionais; enfim, sociais. Essa ética chega pouco às pessoas que dependem mais, e quando chega, tem sido realizada majoritariamente por mulheres, que na maioria das situações deixam seus trabalhos remunerados ou buscam trabalhos informais para garantir o cuidado, mesmo sem remuneração³.

Para alguns, romper com a ideia de que a independência não existe pode ser habitar uma fronteira do desconhecido, pode causar medo, mas é libertadora. Quem tem medo de tornar-se uma pessoa dependente na velhice? Não seria mais fácil exercitar os

3: Busque saber mais sobre as novas medidas sobre “trabalho materno” na Argentina, conquistadas em 2021, e lembrem de Silvia Federici e o “Ponto Zero da Revolução” e “The presence of a monstrosity: eugenics, female disability and obstetric-gynecological medicine in late 19th Century New York”, artigo de Lauren MacIvor Thompson.

passos da ética do cuidado desde já e aprender a cuidar e, principalmente, permitir-se, sem se inferiorizar, ser cuidado? E Homens cis, com def. ou sem: Dentro de toda sua diversidade como vocês estão exercitando o cuidado?

A pergunta é especificamente para o grupo social que majoritariamente desde a infância não lidam com o cuidar do outro, nem de si pois, na realidade, há um imenso trabalho de mulheres por trás: esposas, mães, irmãs, avós, que perderam tempo de lazer e de estudo que seja, para dedicar-se ao cuidado da casa e dos outros. Pessoas socializadas como mulheres são colocadas a brincar de casinha e boneca. Já desde o início da vida, são educadas para cuidar e zelar, enquanto as pessoas socializadas desde cedo como meninos são estimuladas a explorar esportes, brincadeiras de construção e desconstrução de objetos, jogos de luta, de tiro. Homens cis são criados como meninos a vida toda, eles não têm de se responsabilizar pelo cuidado do outro ou das coisas ao seu redor.

“Mas nem todo homem”. A depender do contexto social, alguns homens adquirem outras responsabilidades, como o de contribuir financeiramente com a casa. Mas as mulheres também. E muitas vezes mesmo esses “meninos” que contribuem com a casa dependem ainda da organização que a mãe faz para saberem o que fazer, então, sim, todos os homens, em algum nível, não praticam o cuidado. Descubra o seu.

E mulheres podem sim buscar romper essa lógica. Podem, por “n” razões. Para entender: leiam mulheres (que não reproduzam o machismo. Lembrem que vocês, homens cis que estão lendo esse texto, querem ser aliadas, e não buscar justificativas).

Como vocês têm praticado o cuidado com suas companheiras, com seus filhos, com seus pais, com seus amigues, consigo? O cuidado passa por diversos pontos importantes, desde a análise do que precisa ser feito sem esperar ser pedido, a uma

conversa acolhedora, aos afazeres domésticos, até pensar nas estratégias de organização de acolhida do outro. Sim, pensar em tudo isso é exaustivo, as mulheres sabem bem.

Não à toa homens costumam acreditar que podem tirar férias, ou dar um tempo desse trabalho que é a construção de relações, de casa, de família, da responsabilidade com os filhos e voltar como se nada tivesse acontecido. Afinal, é construída a ideia de que a mulher irá permanecer cuidando de tudo e todos, pois a função é dela. É preciso que homens cis aliados passem a criar espaços e tempos de exercício da sensibilidade e do cuidado com o outro.

E as mulheres com def. também cuidam? Cuidado e a intimidade de acesso

Cuidam, são cuidadas e inferiorizadas, tanto quanto cuidam, quanto quando são cuidadas, passíveis mais ainda de abusos e violências. Quando cuidam “não fazem da melhor forma”, “são lentas”, “preguiçosas”, “dramáticas”, “histéricas” ou, quando fazem de forma exímia, são “exemplos de superação”. Quando são cuidadas, são “as coitadinhas”, “as sem futuro”, “as incapazes”. Nunca apenas mulheres, apenas gente.

Mia Mingus, uma referência na luta PcD, luta amarela e Queer nos EUA, é educadora e escritora, e criou em 2011 o termo “Intimidade de acesso”. Vamos ver a seguir alguns trechos de seu artigo⁴:

“A intimidade do acesso é algo que acontece de diferentes formas para mães e pais, mulheres negras, pessoas queer e trans, etc...”

Importante esse trecho do artigo de Mia, pois aqui enten-

4: Access Intimacy: The Missing Link de Mia Mingus, 05 de maio de 2011, blog Leaving Evidence da mesma autora. Trad. Maria Eugenia Salcedo, com a ajuda de Lia C. Y. Emi, em outubro de 2016.

demos o termo acessibilidade no plural acessibilidades, pois a luta por acesso é um ponto em comum a todas as pessoas em situação de alguma vulnerabilidade social. O termo acessibilidade pode ter sido levantado pela luta das PcDs, mas é motivo que movimenta todas as lutas.

Para PcDs no geral, a “intimidade do acesso” fica mais evidente, por todas as questões acima detalhadas nos capítulos anteriores sobre a nossa interdependência e dependência, e criemos aqui uma camada a mais, dentro da ética do cuidado.

“Intimidade de acesso é aquela sensação vaga e difícil de descrever quando alguém ‘entende’ as suas necessidades de acessibilidade. Juntos, compartilhamos um tipo de intimidade de acesso que é elementar, sem necessidade de maiores explicações”.

A intimidade de acesso surge de estar em coletivo e identificar-se com vivências parecidas com a sua, é a percepção de que não está sendo colocade em algum tipo de hierarquia em conversas ou necessidades. É um espaço de conforto onde nos reconhecemos ou descobrimos pontos em comum. É um espaço de rede de apoio.

“Intimidade de acesso não é só a ação pelo acesso ou para “ajudar” alguém. Todos temos a experiência do tipo de acesso que nos deixa com a sensação de ser um fardo, violentado ou apenas desprezível. Muitos de nós também têm a experiência do acesso obrigatório quando não há qualquer tipo de intimidade, só uma contagem de tempo estóica até a experiência acabar. Isso não é intimidade de acesso. Foram vários os relacionamentos nos quais eu sabia que eu poderia pedir até um certo ponto e compartilhar apenas uma parte de mim sem ter a pessoa per-

dendo a paciência comigo, me xingando ou punindo com uma atitude de acesso passivo-agressiva e relutante. Foram também muitas as vezes quando estava assustada demais, devido à falta de intimidade de acesso, para falar e expressar o que eu precisava ou o que eu não podia fazer. Como resultado ficava isolada ou gravemente machucada fisicamente por me esforçar demais. Isto nos casos mais extremos.”

A intimidade do acesso está também na rede de apoio com aliadas, que não necessariamente passam por vivências similares às das PcDs, mas que estão comprometidas com a ética do cuidado. O cuidado está, por exemplo, em se preocupar com o deslocamento e a acessibilidade do espaço ou da viagem que irá fazer, tanto quanto a PcD que está com você se preocupa. Está em não tornar o enfrentamento de uma situação capacitista como exclusivo da PcD que está com você. Está em conhecer previamente os obstáculos que a PcD pode enfrentar e buscar alternativas juntas.

Por exemplo: está organizando uma aula, compromisso de trabalho ou uma saída com us amigos que exige deslocamento ou que terá barreira de acesso no local? Programa-se antes e pense que haverá outras realidades além da sua, não normalize que seja só da PcD a responsabilidade de apontar e analisar a situação de falta de acesso ou de capacitismo. Isso é uma das etapas da ética do cuidado, e exercitar isso junto é intimidade de acesso.

Não basta organizar um encontro; convidou? Pense em como a pessoa irá chegar. Vai andar demais? Diminua a caminhada; vai acessar algo sem plena comunicação ou tradução em Libras? Mude a programação, cobre junto. Esteja junto.

O cuidado também está em entender que há desejos e reivindicações distintas de PcDs e outros grupos sociais, compreender pode ser também considerada uma intimidade de acesso, é

entender que uma pauta de luta não é inferior a outra, onde há, sim, pontos em comum, mas há especificidades que devem ser respeitadas e que, melhor ainda, podem ser compreendidas e apoiadas.

Se para alguns é revolucionário romper com a ideia de usar carro, para outros é revolucionário reivindicar como ferramenta de acesso; Se alguns têm críticas a alimentos embalados em plástico e cortados, para outros é importante reivindicá-los como ferramenta de acesso a alimentação e higiene; Se para alguns é revolucionário romper com a ideia de gerar filhos ou construir uma família, para outros é revolucionário ainda chegar a esses espaços de direito reprodutivo, sexual e afetivo.

Aliás, abrindo uma outra camada aqui, o direito ao afeto e a sexualidade de pessoas com def. ainda é tabu. O afeto é pouco acessado por PcDs e menos ainda por mulheres com def. A afetividade das PcDs tem sido espaço onde não há valorização estética de suas corpos ou modos de viver. São corpos tidas como não desejáveis, não aptas para relacionamentos amorosos e quando estão em relacionamentos não são plenamente assumidas socialmente.

Sabe aquela foto no perfil do instagram com u seu amor def. Onde ela está? E quando surge esse registro, ou quando há aparições públicas de afeto de PcDs, será ainda passível do questionamento: São amigas, ou irmãs? Se é uma relação entre PsD e PcD ainda há a brecha para a frase “está com u cuidadore/enfermeire?” Só digo uma coisa: **beije sue Defiça em praça pública!** O amor def. incomoda. Compreender essas questões é uma intimidade de acesso. PcDs ainda estão umas rodadas atrás de outros grupos sociais em diversos pontos. E aí quem puxa a gente? Quem cede espaço?

Você, leitor, pode estar cheia de informações na cabeça, achando difícil ser aliada em uma sociedade capacitista. Imagine ser PcD nela! Mas devagar se vai longe, não é mesmo? Come-

ce aos pouquinhos, mas comece, chegar até o fim dessa leitura já foi importante e os questionamentos gerados movimentam. E para quem se identificou com algum trecho desse livro: “A teoria pode ser um lugar de cura”, bell hooks é certa nessa frase pois ela é sobre pertencimento, sobre se encontrar no mundo.

Questione a falta de PcDs em seu ciclo social, comece por isso. Dê espaço para ampliar esse ciclo, cobre acessibilidade junto! Porque às vezes é só sobre quem senta ao seu lado e te apoia.

“Às vezes, a intimidade de acesso não significa que tudo é 100% acessível. Às vezes, parece que as duas partes estão tentando criar acesso com todas suas forças, sem auxílio algum em um mundo que discrimina pessoas com deficiências. Às vezes, se manifesta em alguém que apenas senta do seu lado e segura a sua mão enquanto vocês olham um mundo inacessível.”

Ações de atenção | Terminologias:

Sabe aqueles ditados populares: “**João sem braço**”; “**Não temos perna para isso**”; “**Pior cego é aquele que não quer ver**”. E ainda as expressões: “**Que mancada**”; “**Vou fingir demência**”; “**Só pode ser surdo**”, “**Retardado**”. **Todas essas expressões e ditados são capacitistas** por colocarem características ou condições de pessoas com deficiência como referência de algo ruim. “Ela é normal, a outra tem deficiência”, “Que triste, ela não anda/não enxerga/não ouve”, “Ele tem um probleminha”.

Então vamos começar atentando aos termos para **NÃO USAR MAIS: *deficiente, portador de necessidades especiais***: Esses já caíram em desuso. O primeiro ressalta apenas a deficiência, sem levar em conta a pessoa. O segundo coloca a deficiência como algo que é possível portar e desportar, impossível, já que a deficiên-

cia é uma condição social. **Asperger**: não é mais usado por se referir a médico com histórico nazista. **Especial, defeituoso, aleijado, surdo mudo, ceguinho, mongolóide, atrasado, débil mental, perneta, anão. Todos esses termos são considerados capacitistas. Não use a palavra deficiência como sinônimo de ineficiência.**

Os termos mais aceitos:

PcD, Pessoa com Deficiência: Segundo a Lei Brasileira da Inclusão, fica reconhecido o termo Pessoa com Deficiência como a melhor forma de se referir a esse grupo social. Ainda hoje informalmente pode ser aceito o termo **pessoa com def.**, hoje mais utilizado pelo movimento social. **Pessoa Surda:** Aquela que está na comunidade surda; **D.A. ou Pessoa com Deficiência Auditiva** (geralmente quem não integra a cultura surda); **Pessoa com Autismo ou Autista; Pessoa com Nanismo.** Lembrando que **capacitismo é crime**, sob pena de 1 a 3 anos de reclusão e multa, segundo LBI.

Alguns caminhos para denunciar ações capacitistas:

Segundo a LBI (lei 13.146/2015): Art. 88 – Praticar, induzir ou incitar discriminação de pessoa em razão de sua deficiência. Pena: reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.

Podemos acionar:

- Delegacia de Polícia da Pessoa com Deficiência. EmSP: (11) 3311-3380.
- Em SP, ainda temos o Descomplica-SP, que são postos espalhados pela cidade de SP, onde aproximam a população dos serviços oferecidos pela cidade, inclusive aproximando-a de Ouvidorias.
- Disque 100 para qualquer violação dos direitos humanos;
- Denúncias sobre falta de acessibilidade também são recebidas pelo Ministério Público da sua cidade.
- Se o comércio, bar ,restaurante em que está não tem acessibilidade, além do ministério público, você pode acionar o Procon,

inclusive pelo site.

- Localize a Secretaria de Assistência Social, ou da Pessoa com Deficiência da sua cidade, e faça a denúncia lá.

Caminhos:

Para denunciar, dê preferência a denúncias por escrito, ou, na delegacia onde vão recolher seu relato, peça ajuda para redigir se preciso;

Recolha fotos e/ou vídeos que indicam as irregularidades; Informe o endereço da instituição/local sem acesso, informando se é um local/instituição pública ou privada;

Destaque qual barreira enfrentou: arquitetônica, urbanística, comunicacional, atitudinal;

Demonstre e prove que tentou argumentar e resolver: não teve acesso, como foi essa conversa, há proposta de reparação por parte do local? Ofereceram algo em troca pelo constrangimento? Lembre de anotar o número de protocolo.

Sabemos que a estrutura é capacitista, porém fazer um B.O., que pode ser feito online, ou outro tipo de denúncia, auxilia no processo de coleta de dados e estatísticas para lutarmos por melhores políticas públicas de acesso e também para justificar a necessidade de ações de prevenção ao capacitismo.

Referências de pesquisa:

- DELIGNY, Fernand. O aracniano e outros textos. Tradução Lara de Malimpesa. São Paulo: 1 edições, 2015.
- DELIN, Annie De., "Enterrado nas notas de rodapé: a ausência de pessoas com deficiência no imaginário coletivo de nosso passado, em Museums, Society, and Inequality, editado por Richard Sandell (New York: Routledge, 2002)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. São Paulo: Paz e Terra, 1987
- FÁVERO, A.G.E.; PANTOJA, L.M.P; MANTOAN, M.T.E. Atendimento educacional especializado: aspectos legais e orientações pedagógicas. Brasília: SEESP/SEED/ MEC, 2007.
- GUGEL, Maria Aparecida. Pessoas com Deficiência e o Direito ao Trabalho. Florianópolis: Obra Jurídica, 2007
- LARROSA, Jorge. Linguagem e educação depois de Babel. São Paulo: Autentica Editora, 2004
- MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. São Paulo: Cobogó, 2021
- MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016
- NETTEL, Guadalupe. O corpo em que nasci. São Paulo: Rocco, 2013
- PARMEGGIANI, Roberto. Desabilidade. São Paulo: Editora Nós, 2018.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. "Pessoas com deficiência e os desafios da inclusão", em Revista Nacional de Reabilitação, 30/09/2004.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. São Paulo. Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 58. 2007
- SOMERA, Nicole. O artista com Deficiência no Brasil. 1 ed- Curitiba: Appris, 2019.
- THOMPSON, Lauren MacIvor. A presença de uma monstruosidade": eugenia, deficiência feminina e medicina ginecológica-obstétrica no final doo XIX em Nova York
- KELLER, Helen. A história da minha vida. São Paulo: José Olympio, 2008.
- UNESCO. Declaração de Salamanca: SOBRE PRINCÍPIOS, POLÍTICAS E PRÁTICAS NA ÁREA DAS NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. [s.l.]: UNESCO, 1994

NADA
RE
BENOS
SEM
NOS

O QUE VOCÊ É
CAPAZ DE
COMPREENDER
COM FACILIDADE
POR CONTA DA
SUA IDENTIDADE
E EXPERIÊNCIA
DE VIDA?

O QUE VOCÊ NÃO
É CAPAZ DE
COMPREENDER
COM FACILIDADE
POR CONTA DA
SUA IDENTIDADE
E EXPERIÊNCIA
DE VIDA?



EDITORA

editoraquestione.com